



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

FRONTEIRA E ENSINO: MATERIAIS DIDÁTICOS POSSÍVEIS

JULIANA TONIN

Foz do Iguaçu
2023

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

FRONTEIRA E ENSINO: MATERIAIS DIDÁTICOS POSSÍVEIS

JULIANA TONIN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Augusto Rocha

Foz do Iguaçu
2023

JULIANA TONIN

FRONTEIRA E ENSINO: MATERIAIS DIDÁTICOS POSSÍVEIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Augusto Rocha
UNILA

Prof. Dra. Jorgelina Tallei
UNILA

Prof. Dr. José Lindomar Albuquerque
UNIFESP

Foz do Iguaçu, 14 de março de 2023.

T665

Tonin, Juliana.

Fronteira e Ensino: materiais didáticos possíveis/

Juliana Tonin. - Foz do Iguaçu, 2023. 60 f., il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latinoamericanos. Foz do Iguaçu - PR, 2023.

Dedico este trabalho a minha tia Dizota,
minha segunda mãe, que foi mais uma vítima
da pandemia que se instalou em 2020.

.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer todas as pessoas que me estimularam a não desistir desse processo solitário ao qual chamamos de mestrado. Sem vocês tudo isso jamais seria possível.

Agradeço ao meu companheiro Lito Ribeiro, que me apoiou nesta e em outras empreitadas, grata por ser parceiro de experiências nesta vida.

Agradeço ao meu professor orientador professor Dr. Marcelo Rocha, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo por responder prontamente todas as vezes que tive necessidade e dúvidas durante o percurso deste caminho.

Agradeço também ao PPG IELA pela possibilidade de cursar um mestrado interdisciplinar, algo que se aplica à minha vivência acadêmica e que ficou consciente no momento em que entendi a potência da interdisciplinaridade e da interculturalidade.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender as práticas e saberes docentes de um grupo de professores de geografia do ensino fundamental que lecionam na fronteira trinacional, especificamente em Foz do Iguaçu. Busca-se analisar como trabalham o conceito de fronteira com os alunos da Rede Estadual de Ensino de Foz do Iguaçu, bem como identificar, quais recursos didáticos utilizam em suas aulas para este fim. Ao buscar compreender as relações que permeiam o ensino do conceito de fronteira, a pesquisa procura dialogar com as especificidades da temática sob os conteúdos da disciplina de geografia. Devido as limitações impostas pela pandemia do covid-19, aplicou-se os questionários para os professores por meio do google formulários, a partir da metodologia conhecida como 'bola de neve'. Com base nesses resultados, a pesquisa propôs a criação de um e-portfólio com conteúdos formulados para a fronteira a fim de subsidiar o ensino e a prática docente na educação básica e na formação de professores no ensino superior.

Palavras-chave: Fronteira. Ensino. Material didático.

RESUMO

Esta investigación tiene como objetivo comprender las prácticas de enseñanza y el conocimiento de un grupo de profesores de geografía de escuelas de primaria que enseñan en la frontera trinacional, específicamente en Foz do Iguaçu. Busca analizar cómo funciona el concepto de frontera con estudiantes de la Red Estatal de Educación de Foz do Iguaçu, así como identificar qué recursos didácticos utilizan en sus clases para este fin. Al buscar comprender las relaciones que permean la enseñanza del concepto de frontera como tal, la investigación busca dialogar con las especificidades del tema bajo los contenidos de la disciplina de geografía. Debido a las limitaciones impuestas por la pandemia de COVID-19, se aplicaron cuestionarios a los docentes a través de Google forms, basados en la metodología conocida como 'bola de nieve'. Con base en estos resultados, la investigación propuso la creación de un portafolio digital con contenidos direccionados para la frontera con el fin de apoyar la enseñanza y la práctica docente en la educación básica y en la formación docente en la educación superior.

Palabras clave: Frontera. Enseñanza. Material didáctico.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Influência do cotidiano fronteiriço	27
Quadro 2 – Definições de fronteira	28
Quadro 3 – O conceito de fronteira nos materiais didáticos.....	30
Quadro 4 – Materiais didáticos tradicionais	35
Quadro 5 – Mídias digitais	37
Quadro 6 – Recursos didáticos utilizados em sala de aula.....	39
Quadro 7 – Perspectivas das práticas pedagógicas utilizadas pelos professores ..	41
Quadro 8 – Desafios apontados para debater a fronteira em sala de aula.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 AS FRONTEIRAS	16
3 ENSINAR NA FRONTEIRA	22
4 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS	22
5. APROXIMAÇÕES DAS BORDAS	27
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU ATRAVESSAMENTOS	49
8.ANEXO	54
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa me proponho a pensar sobre o ensino dos conceitos ligados à fronteira a partir das experiências dos Professores de geografia que atuam na Educação Básica da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR). Para iniciar as reflexões é necessário situar a fronteira e suas questões geográficas, políticas, sociais e culturais, bem como problematizar o ensino deste conceito a partir das práticas docentes.

Parte do interesse neste estudo advém da minha experiência em residir a partir de 1998 na cidade de Ponta Porã, no estado do Mato Grosso do Sul, localizada junto à cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai. A fronteira, longe de ser simplesmente um espaço geográfico, é um fenômeno social, político e cultural. Estudar a zona fronteira implica em entender processos de organização cotidiana dentro de um espaço politicamente descontínuo, onde as relações se dão de forma situacional e dialógica, podendo se dar também de forma autoritária e descontínua, com múltiplos agentes e atores que facilitam e também dificultam o viver fronteiriço e demandam um entendimento desta realidade complexa.

Vivendo e convivendo nesse lugar, estudei em uma escola onde tive posteriormente a oportunidade de acompanhar o processo dos professores que trabalharam na elaboração do diagnóstico sociolinguístico ligado ao Programa de Escolas Interculturais de Fronteira –PEIF, realizado em 2014. O PEIF foi uma das ações do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira, que se propunha a implementar e articular uma série de ações que traduziam a orientação do Governo Federal. É desta articulação com foco no território que surge essa intervenção, que era caracterizada pela parceria para o desenvolvimento regional integrado com os países vizinhos (BRASIL, 2005). Posteriormente trabalhei também na organização local das atividades de formação de professores que faziam parte desse projeto. As atividades aconteciam nas escolas durante os finais de semana, onde os docentes brasileiros e paraguaios escolhiam os módulos e tinham as aulas de formação, que eram realizadas pelos professores da Universidade Federal da Grande Dourados -UFGD. Pelo projeto deveria haver o “*cruce*” (que consistia no intercruzamento de professores e estudantes do Brasil e do Paraguai em escolas para aulas de idiomas com nativos falantes), que infelizmente não chegou a acontecer devido ao cancelamento do projeto.

A partir destas experiências enquanto fronteiriço surge um interesse em

entender como os professores colocam a realidade do contexto fronteiriço em suas aulas. Os questionamentos iniciais são sobre os conceitos de fronteira, de como os professores entendem e como eles abordam isso em sala de aula, além de querer saber de seus desafios para abordar esse assunto tão complexo. Como a vivência em ambiente fronteiriço afeta a construção e articulação dos professores com conceitos geográficos de lugar, paisagem, território, espaço geográfico e de fronteira? Como trabalhar conceitos, que são de significados plurais e que necessitam de uma investigação multidisciplinar? Quais são os recursos didáticos que os professores utilizam?

Nesta perspectiva me proponho a pensar em como os professores de geografia da rede estadual e atuantes em escolas de Foz do Iguaçu estão entendendo e conduzindo essas questões em suas aulas. A escolha de analisar os docentes de Foz do Iguaçu se deu pelo fato de estar vivendo nesta cidade durante o período dos estudos do mestrado, de modo que a busca destes docentes e suas experiências estariam mais próximos desta vivência para esta pesquisa.

Trabalhar na docência em território fronteiriço é uma circunstância que apresenta uma série de desafios que são ligados à uma prática docente de questionamentos e reflexões para a compreensão sobre essa realidade complexa, e que só são possíveis a partir da formulação de novas práticas docentes. Isso não ocorre de maneira simples, pois o processo deve movimentar conforme as dinâmicas locais e a partir do efeito que o território simbólico movimenta a realidade interior do professor, algo que o pesquisador Maurice Tardif (2002, p. 81) considera como as interações dos professores, que são transações na dimensão **intersubjetiva e emocional** do trabalho e que modificam suas percepções enquanto docentes.

Também se faz necessário pensar o modo de vida fronteiriço, de forma a apresentar os contextos que circunscrevem as relações do Estado-nação e relacionam as fronteiras (geopolíticas e simbólicas) com a educação escolar (e sua construção a partir do Estado-nação). Os Estados nacionais criam forte tensão no campo educativo fronteiriço, pois sua forma de ação nacionalista impõe uma política pública desde o centro para a periferia que fortalece esse discurso, o que faz com que as escolas de fronteira acabem se tornando uma “trincheira cultural” (ALBUQUERQUE; SOUZA, 2014, p.02). As fronteiras são realidades dinâmicas que podem ser representadas num campo de interações sociais, políticas, econômicas e culturais que provocam conflitos e tensões que são inerentes aos sujeitos que ali se localizam.

Nesta condição, o ato pedagógico exige uma preparação e reflexão diferenciada, para

aqueles professores que reconhecem e pensam a singularidade da fronteira, ainda que seja possível ensinar em uma cidade de fronteira dentro da lógica do nacional, sem uma abertura para essa outra possibilidade. As ações dos docentes em frente às contradições do cotidiano na escola de fronteira e a utilização de suas práticas e saberes se fazem visíveis nos esforços daqueles que se utilizam desta complexidade do pensamento contemporâneo para atender essas demandas específicas que se manifestam na sala de aula.

Essa sobreposição de realidades atravessam o discurso oficial e criam, aberturas de gretas de diálogos que criam espaço de oportunidade para novas estratégias e táticas para superar as suas descontinuidades e assimetrias em crítica ao modelo vigente. Para discutir essas questões trago a professora Maria Vera Candau, que afirma que a cultura escolar dominante, vai priorizar o uniforme, homogêneo e universal, e que nesta ótica as diferenças são ignoradas ou consideradas um problema (CANDAU, 2011, p.241). Ela também coloca em suas considerações que a interculturalidade é uma estratégia e que, nesta perspectiva, os processos educativos são fundamentais (CANDAU; RUSSO, 2010, p.166).

O ano de 2020 foi fortemente marcado pelo início da pandemia de Covid-19, e diante deste fato houve uma série de adaptações, como por exemplo o home office. Além do luto de milhares de famílias, o contexto de pobreza aumentou e junto com esse fato, o aumento de famílias que vivem abaixo da linha de miséria. Dentro do contexto acadêmico, as atividades também foram fortemente alteradas, com a instalação do ensino remoto emergencial, que se tornou uma estratégia para continuidade em relação à educação, mas que teve como consequência uma grande evasão de alunos que não tiveram as condições tecnológicas para continuar seus estudos.

Foi um grande desafio para todos e para isso, os professores tiveram que rapidamente se organizar para entender o ambiente virtual e as transformações no ambiente tecnológico-educacional, e com isso foram provocados para reajustar suas metodologias em aula. Neste sentido, fez-se necessária também repensar os materiais didáticos diferenciados e multimídia que consigam provocar aos alunos. Demo (2009) aponta que existe um hiato vigente entre a pedagogia e as novas tecnologias, mas que várias ferramentas da web são criadas e o uso adequado deve ser fruto de atitudes pedagógicas viáveis e conscientes. Partindo destes diálogos, um dos objetivos deste trabalho é criar um banco de dados na forma de um e-portfólio, com proposição de materiais como imagens de fotos e mapas, podcasts e videoaulas onde posteriormente esses professores possam buscar e compartilhar materiais multimídia que facilitem o processo de

ensino-aprendizagem sobre as fronteiras.

2 AS FRONTEIRAS

2.1. PASSEANDO PELOS CONCEITOS DE FRONTEIRA

A fronteira são muitas fronteiras. Partindo do significado da palavra fronteira, que vem do latim “*frons*”, relativo à testa, ou a parte mais à frente; as reflexões que tratarei de discutir durante todo o texto vão se dar a partir desse “estar frente a frente”, não no sentido militar -tão comumente associado às questões de fronteira- mas muito mais próximo ao “estar em frente ao outro”, que implica em uma observação entre diferentes pontos de vista que estão em relação. Por serem tão plurais, locais onde sobrepõem-se várias camadas de realidade e requerem estudos localizados que consigam associar a variedade dos usos e significados simbólicos à diversidade das relações geográficas, histórica, social e política, além de ser também um debate epistemológico e filosófico.

Importante frisar que nas duas primeiras décadas após a delimitação da faixa de fronteira, as políticas públicas mantiveram o tradicional enfoque em segurança e defesa. A partir dos dados produzidos pelo então Ministério da Integração Nacional, a faixa de fronteira é caracterizada geograficamente por ser uma faixa de 150km de largura contado a partir do limite do Estado, distância estabelecida na Constituição de 1988. Ao longo de 15.719km de fronteiras terrestres, que abrangem 588 municípios de 11 Unidades da Federação, que correspondem a 27% do território brasileiro., reúne uma população estimada de dez milhões de habitantes e margeia dez países da América do Sul. (BRASIL, 2009). Apesar de ser uma região estratégica do ponto de vista da integração latino-americana, essa faixa de fronteira apresenta-se como um lugar de pouco desenvolvimento e historicamente abandonado pelo poder público, a não ser quando a fronteira está relacionada com questões de segurança pública, o que corrobora para sua forte militarização.

As fronteiras latino-americanas (e não somente elas, mas tomamo-las como nosso ponto de partida e referência) são territórios fortemente marcados pelo discurso do Estado-nação, embora essa não seja propriamente uma característica apenas latino-americana. Até meados da década de 1980, foram pensadas predominantemente como frente de expansão e colonização, além de serem consideradas zonas de confronto ou conflito.

O surgimento dos limites está ligado ao perímetro máximo de controle soberano, poder esse exercido pelo Estado central, representação esta que cria uma

imagem estanque, fixa e cujo aparato funcional se apresenta na forma de aduanas e do serviço migratório, enquanto as discussões que são ligadas ao território focam mais no deslocamento dos grupos humanos e de redes de circulação de pessoas e mercadorias.

Na conformação do estado nação, a fronteira é o *front* que estabelece o poder de determinados grupos, que desenha os limites e jurisdições de um estado com outros, como linha, limite, divisão entre os Estados. Como a imagem mutante de um caleidoscópio, a fronteira e suas metáforas produzem novos significados a partir das posições, relatos e situações diante das múltiplas relações de poder. Essa polissemia serve de estímulo para a produção de novos significados, de caráter paradoxal enquanto espaço que se constitui como local de discursos ambivalentes e suas contradições sociais. “São espaços abertos para o novo, o inusitado, desconhecido, o mistério e a criatividade das invenções” (ALBUQUERQUE, 2012, p.72). O espaço geográfico da fronteira exprime também a cultura, que se dá na relação com esse território e que são estabelecidas pelos sujeitos no seu fazer cotidiano, fruto de suas relações sociais em sua dimensão simbólica e cultural.

Todos, sin embargo, revelan que la respuesta a la pregunta central – ¿qué son las fronteras? -es sumamente compleja y varía dependiendo de quién la responda. Y si bien la respuesta más llana consiste en nombrar los límites físicos entre países, las zonas próximas a los puntos limítrofes, y los sistemas sociales, políticos y económicos que dividen y simultáneamente unen a dos naciones, dos territorios, dos demarcaciones jurisdiccionales, etc. (PAYAN; CORNORADO, 2021 p.110)

A fronteira abarca uma quantidade de significados, para além da área geográfica - que é marcada pelos limites, separação e fiscalização -que é construído pela convivência cotidiana, que trazem as categorias de lugar (com foco nos sujeitos) e de território (com foco no uso coletivo do espaço), e por conseguinte, é formada por uma série de relações sociais que se estabelecem neste território contíguo.

Essa produção de localidade atravessa as premissas do Estado-nação, dada a multiplicidade das fronteiras e das relações de poder que perpassam seus limites, assim como a multiplicidade dos dilemas que acontecem nessa região. Dentro de um entendimento mais contemporâneo, o trabalho de produzir localidades, com suas histórias para entender a ocupação do espaço coletivamente ocupado, entra em atrito com o projeto moderno de Estado-nação (APPADURAI, 1997, p.34). Essas localidades de espaços compartilhados e coletivamente ocupados entra frequentemente em conflito com os projetos do Estado-nação. ocasiona que “A constituição do Estado-nação pressupõe o isomorfismo entre o povo, território e soberania legítima, que se encontra ameaçado pelas

formas de circulação de pessoas características do mundo contemporâneo”. Suas descontinuidades não são apenas territoriais, mas também são culturais, sociais e étnicas. Podem ser entendidas também enquanto um constante intercâmbio cultural, que permite construir um novo olhar sobre os diversos fenômenos contemporâneos.

2.2. Formação da Fronteira Sul e seus desdobramentos

O processo de constituição dos limites está historicamente vinculado como resultado de uma série de guerras, negociações e tratados desde o período colonial - Tordesilhas (1494), Utrecht (1713), Madri (1750), El Pardo (1761), Santo Ildefonso (1777) e Badajoz (1801) - até a primeira metade do século XX. A construção de limites internacionais é baseada na tradição europeia de colonização, que foi se expandindo e consolidando por meio de tratados e negociações. “Essa imprecisão no que tange aos limites entre os domínios dos Estados abria precedentes para disputas por territórios que por vezes resultaram em guerras” (CARNEIRO, 2014, p.60).

As fronteiras, como espaços dinâmicos nos quais se estabelecem conflitos entre os diferentes atores (povos, nações, coletivos, indivíduos), foram palco de disputas sobre a legitimação de um território particular, prevalecendo assim os limites dos estados-nação e “resultando no processo de construção dos Estados nacionais do Rio da Prata ao mesmo tempo que é marco nas suas contradições” (DORADIOTTO, 2002, p.23). A maior e mais conhecida é a Guerra da Tríplice Aliança, aqui no Brasil conhecida também como a “Guerra do Paraguai”, que aconteceu de 1864 até 1870 e que dizimou grande parte da população paraguaia. A Guerra do Paraguai foi resultado do processo de formação das nações platinas (Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai) e dos diferentes interesses econômicos e políticos que cada nação possuía durante a segunda metade do século XIX. A guerra era uma das opções possíveis, que acabou por se concretizar, uma vez que interessava a todos os envolvidos neste processo histórico.

No território que ainda seria Foz do Iguaçu foi inicialmente efetivado quando fundada a colônia militar na fronteira— que é considerada o marco inicial da ocupação efetiva do lugar por brasileiros. A instalação da Colônia Militar se deu em 22 de novembro de 1889, coincidindo com a proclamação da república do Brasil, cujo objetivo esperava-se povoar a região com a presença dos militares. Com essa ação foi garantido o território, como materialização da representação da autoridade brasileira no local.

Concretar la presencia de unidades militares en la frontera siempre ha sido un modo de concentrar el poder político. Con esto, damos respuesta que la consolidación de los modelos de colonización militar, fueron proyectados precisa y estratégicamente para servicio de los sus ideales de seguridad y propiedad, que definen una nación. (KARPINSKI; ESPINOSA , 2016, p.99)

Nos primeiros anos do século XX, a população de Foz do Iguaçu não passava de duas mil pessoas, passando da condição de Vila Iguaçu em 1910 e para município de Vila Iguaçu em 1914. Na década de 1950 houve a consolidação da ocupação do espaço, seguida da década de 1960, onde houve movimentos migratórios no Paraguai para a ocupação agrícola, seguido pelo período da construção da Itaipu. Com os acordos internacionais entre Brasil e Paraguai, **incluindo o depósito franco do porto de Paranaguá que estabelecia uma saída para o Atlântico**, existiram também estudos para o aproveitamento energético e hidráulico dos rios Ycaraí e Monday, bem como o início das conversas para construção da Ponte da Amizade. A década de 1970 veio com a construção da BR 277 e criação do aeroporto Cataratas em Puerto Iguazú, ampliação do aeroporto de Foz do Iguaçu. A inauguração da Hidrelétrica Binacional de Itaipu aumenta o fluxo de pessoas e finalmente em 1985 acontece a inauguração da Ponte da Amizade.

É necessário acrescentar a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu não só modificou o território, como também influenciou e influencia as relações geopolíticas, sociais e econômicas da região. “Itaipu significou também o aprofundamento das redes entre Brasil e Paraguai, complementado pela construção da Ponte da Amizade” (SILVA, 2021, p.38). Com a instalação dessa mega obra na região da tríplice fronteira, houve também um grande impacto no que toca as populações, tanto autóctones -que foram expropriadas de suas terras- bem como as pessoas que vieram se instalar nas cidades atraídas pela possibilidade de trabalho e melhores condições de vida.

Com o fim da guerra fria houve reajuste de relações econômicas e política mundiais, há uma nova agenda global para relações internacionais e surge a tríplice fronteira enquanto espaço que conhecemos hoje. Os anos de 1990 foram a época da globalização, que significou pra região um incremento nos fluxos de pessoas e mercadorias - época dos comboios para compra de produtos de tecnologias e importados chineses, com circulação de empregos transnacionais pelas lacunas de jurisdição de um estado para o outro.

Embora o foco desta dissertação de alguma forma deseja celebrar a fronteira, é impossível dar continuidade ao estudo sem mencionar as contradições e

conflitos, mas fazê-lo enquanto ponto de vista útil para analisar a região com vistas a ações locais. “Neste sentido, os moradores da região fronteiriça desenvolvem toda uma economia transfronteiriça, graças às diferenças e às assimetrias presentes nesses territórios juridicamente descontínuos” (ALBUQUERQUE; CARDIN, 2018, p. 120). Quem vive nessas cidades experimentam muitas vezes alguns fluxos que são peculiares destes territórios ao perceber por exemplo as movimentações humanas que acontecem em função do trabalho, onde pessoas que moram em um país e se deslocam por trabalhar no outro, ou compra na cidade vizinha por um preço mais barato, ou mesmo a busca pelos serviços de saúde, educação e benefícios sociais.

A fronteira pode ser considerada um ato que se estabelece no fluxo (“bordering”, “ordering”, “othering”¹) e que se apresenta em movimento/deslocamento, onde se misturam as fronteiras do Estado-nação, as fronteiras linguísticas e as fronteiras simbólicas, que são reconfiguradas a partir da convivência com o “outro”. A fronteira é um local de interculturalidade e de produção de identidades e significados mutantes, convivências, trocas culturais e simbólicas variadas -não somente entre os países, mas também dos diferentes grupos étnicos aqui instalados, aqui simbolizados na imagem do calidoscópio; perspectiva esta que será seguida no decorrer do texto.

Se faz necessário compreender que para esta pesquisa a fronteira é entendida como um centro enquanto um objeto de investigação e foco de análise tanto quanto uma problemática teórica, enquanto território de invenção do outro (ALBUQUERQUE E CARDIN, 2018), aqui entendido enquanto um espaço de possibilidade dialógica e epistêmica. A fronteira também é aqui entendida como uma categoria de análise, deslocando o foco do entendimento de ser o local aonde algumas relações acontecem para ser uma local de explicação de diversos fenômenos sociais contemporâneos. Esta condição de proximidade permite pensar as cidades transfronteiriças como “zonas de contato” (ALBUQUERQUE, 2020, p.278), locais de contradições e de difícil classificação social, onde existe um campo de possibilidades geradas pelas assimetrias fronteiriças

Colocar a fronteira no centro do estudo revela uma possibilidade de investigação em novas dimensões da organização humana; é um objeto de estudo complexo, que exige uma constante redefinição de seus conceitos e de suas problemáticas, visto que os pesquisadores que estudam fronteira vêm de diversas formações e colocam

¹ Este trocadilho esteve presente na fala da professora Adriana Dorfman durante uma aula *online* do NEPES (Núcleo de Pesquisas sobre Espaço, Política e Emancipação Social) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS. <Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0v1mhxs4tdQ>, acesso em 21/6/2021.>

seus diversos olhares e exige uma grande interação de conceitos, para que eles complementem os demais e isso se torna um desafio para todos, inclusive do ponto de vista didático.

3 ENSINAR NA FRONTEIRA

3.1. FRONTEIRAR AS ESCOLAS

As escolas que estão situadas no território fronteiriço contêm uma série de peculiaridades e contradições no seu ambiente interno, devido ao encontro e desencontros de sujeitos e situações que acontecem em seu interior. As tensões que compõem o cotidiano das escolas de fronteira se dão justamente no ponto onde esse projeto educativo se encontra com uma realidade diferente do contexto em que a escola está inserida, e por isso, devem ser submetidas às reflexões a respeito dos processos sociais que são observados nessas escolas.

O sistema escolar público pode demarcar os limites de um estado de fora para dentro e de dentro para fora, movimento este que fica mais visível nas fronteiras, “(...)seja pelo ensino da língua oficial e das disciplinas, seja pela ritualização que vivifica o estado-nação em datas pátrias ou simbólicos como a bandeira e o hino nacional” (SILVA, 2021, p.36). Faz-se necessário compreender que, embora a educação é oferecida de forma gratuita pelo Estado, sendo por este controlada e reconhecida. Essa escola nacionalizante tem a tarefa de estimular os valores patrióticos e a transmissão da língua nacional, mas também se preocupa com a formação da identidade nacional (ANDERSON, 2008). No Brasil, o controle do ensino público em seu território tem dirigido esforços no sentido de atender os interesses do Estado.

O currículo é uma ferramenta pedagógica central da educação, vem sendo historicamente imposto de cima para baixo, numa relação altamente verticalizada e rigidamente hierarquizada. Sabe-se que o currículo escolar opera por um viés nacionalista, com a tentativa de, mais uma vez, tentar criar uma identidade nacional única, deixando pouco espaço para reflexões a partir dos lugares, especialmente as regiões de fronteira. Os livros didáticos apresentam geralmente as datas comemorativas da história nacional e os territórios municipais, estaduais/provinciais e nacionais do país que os alunos estão inseridos, tornando essas diferenças do projeto de escola-nação e de valorização das diferenças e das culturas locais, um desafio presente no cotidiano de instituições de ensino em condição fronteiriça. Essa reflexão sobre cotidiano se faz importante quando se pensa a escola na contemporaneidade, sobre os conflitos existentes entre os sujeitos no espaço educacional (AVELINO; SALLES, 2011), cuja problemática podem contribuir na reflexão do

processo de ensino/aprendizagem e no espaço de formação dos professores.

Essa perspectiva monocultural e homogênea na qual é pensada o currículo confronta com o cotidiano escolar fronteiriço, cujo projeto precisa ser concebido e desenvolvido de acordo com as especificidades locais, permeadas pela realidade sociocultural presente nestes espaços. Nos últimos anos, os interesses do estado foram confundidos com interesses econômicos das mais diversas corporações que mantem seus representantes no congresso, oriundos das chamadas bancadas “da bíblia”, “do boi” e “da bala”, que ampliaram os seus objetivos e deram ênfase aos seus propósitos de acordo com os regimes políticos em vigor. **Existe uma dimensão formativa ligada à fronteira, quando esta é deslocada para o centro da discussão.**

A escola é um ponto de encontro e é considerado um espaço de integração em um estabelecimento público, podendo ser entendida como um equipamento que visa atender os sujeitos inseridos no seu contexto. É importante que ela ofereça aos seus alunos bases que lhes permitam identificar e posicionar-se frente às constantes mudanças e transformações contemporâneas. Encarregada de homogeneizar e igualar, a escola mal pode apreciar as diferenças, e por isso Candau (2011) coloca em seus textos que é indispensável instrumentalizar didaticamente a escola, para que seja possível trabalhar com a diversidade contida em seu interior. Cabe à escola assegurar a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã de seus alunos, estabelecendo uma relação autônoma crítica com a cultura, para que se tornem participantes em todas as instâncias da vida social contemporânea. Desta maneira, reforça-se a necessidade de uma educação voltada para a construção de uma cidadania consciente e ativa.

Ensinar na fronteira coloca uma provocação -para os professores e para os alunos- em se reconhecerem como parte da construção do conhecimento e representações do mundo que os cerca. Neste sentido, o ensino da Geografia pode contribuir como um canal de diálogo entre os alunos a partir de suas histórias, e propor a prática educacional a partir da experiência dos alunos. Nenevé (2008) coloca que um dos desafios para a construção de uma proposta de educação multicultural a incorporação desta temática nos currículos das instituições destinada à formação de professores. O corpo docente é mobilizado a produzir novos saberes a partir de suas práticas (TARDIF, 2002), e por esta perspectiva, eles são constituídos ao longo de suas vivências de prática da profissão e de suas vivências sociais; subsidiados pela compreensão das relações existentes entre a prática profissional e a constituição de saberes: é no cotidiano escolar, nas relações de socialização profissional que os saberes emergirão, de forma temporal. Ter presente a

dimensão cultural potencializa os processos de aprendizagem, tornando-os mais significativos e produtivos para alunos e alunas, de acordo com Candau (2011). As observações dos professores Bohrer, Rockenbach e Kaercher (2021) feitas a partir das suas práticas em sala de aula afirmam que o cotidiano da fronteira consegue ultrapassar o muro das instituições de ensino e se colocar mais presente nas salas de aula, aonde a diversidade de saberes e vivências tem a possibilidade de render frutos a partir do encontro.

A escola contribui para a formação humana, e pode derrubar ou reproduzir práticas discriminatórias, favorecendo ou dificultando a construção de um ambiente propício para a constituição de uma visão crítica do mundo, a depender do projeto político pedagógico que está sendo trabalhado. Candau (2011) aponta que a escola tem um papel importante na perspectiva de reconhecer, valorizar e empoderar sujeitos socioculturais subalternizados e negados. E esta tarefa passa por processos de diálogo entre diferentes conhecimentos e saberes, a utilização de pluralidade de linguagens, estratégias pedagógicas e recursos didáticos e o combate a toda forma de preconceito e discriminação no contexto escolar.

Para um maior entendimento dos diferentes fluxos da região fronteira, é importante observar quão importante é a utilização de práticas escolares diferentes das tradicionais, no sentido de que os alunos compreendam e atuem sobre essa realidade complexa. Para que os alunos entendam os espaços na sua vida cotidiana é necessário que aprendam a olhar, ao mesmo tempo, para um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local. (CAVALCANTI, 2006, p.32). O fronteiro coloca à escola um desafio de transgredir o formato disciplinar para um caráter interdisciplinar e intercultural, que através do diálogo e convivência criam relações pedagógicas que atravessam o currículo. Na tentativa de compreender as práticas dos professores (através dos discursos e falas que se dão na escola) é possível perceber as relações entre teoria e prática, bem como implicações das diversas perspectivas na prática pedagógica dos professores. O espaço geográfico, como um produto social e histórico, é uma ferramenta que permite analisar a realidade, tanto na sua dimensão material quanto na sua representação. Ao conhecer e respeitar “o outro”, para além de uma cooperação transfronteira, quebra-se com a perspectiva da “escola-barreira” -que é construída num cenário nacionalista e militar (ALBUQUERQUE E SOUZA, 2014). - e começamos a pensar numa “escola-ponte”

4 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto que foi aceito inicialmente para ser desenvolvido no mestrado era pensado como um processo de criação de audiovisual, com um roteiro voltado para a construção de um material com entrevistas e que versariam sobre a fronteira e a percepção dos fronteiriços sobre seu território. Esse trabalho também seria pensado de forma interdisciplinar para ser utilizado em aulas que abordassem conteúdos que pudessem ser desenvolvidos quando o assunto que fosse tratado tocasse as fronteiras e suas particularidades. Percebo que o projeto inicial, mesmo sem a pandemia, seria de difícil exequibilidade, visto que uma produção do porte idealizado leva um tempo que talvez não fosse possível realizar durante o período do mestrado, visto os compromissos e eventos acadêmicos, além do período de aulas e todas as burocracias que envolvem tanto a vida acadêmica quanto a prática do audiovisual.

Os relatos das práticas educativas que são apresentadas pelos professores foram coletados por um questionário que foi aplicado via remota, utilizando redes de referência, com a identificação destes atores sociais que são reconhecidos pelos seus pares. Para isso foi utilizada a metodologia conhecida como “Bola de Neve”: esta técnica consiste em uma pesquisa social onde os participantes indicam novos participantes, e assim sucessivamente, até que seja alcançado um “ponto de saturação”. Os atores sociais são indicados pelos seus pares, formando uma rede social em que um membro reconhece o outro.

Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). O “ponto de saturação” é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa. (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p.332)

Isso posto, foi necessário pensar em menos objetivos, ao mesmo tempo que estivessem mais atrelados e comprometidos com a nova realidade da pesquisa. Foi delimitado que quem poderia ajudar a entender como era ensinada a fronteira nas escolas seriam os professores de geografia. Primeiro, pela proximidade do meu orientador com outros professores de geografia da rede estadual de ensino; em segundo lugar, porque essa disciplina é bastante ligada aos variados conceitos que precisam ser abordados para

abranger os conceitos necessários para entender esse nó de singularidades e de grande complexidade epistemológica.

A pesquisa foi retomada com a formulação de perguntas nas quais busquei compreender como os professores se relacionam com o contexto fronteiriço e como se dá sua prática docente, bem como quais são os recursos que utilizam em suas aulas. Os formulários com as perguntas ficaram disponíveis para serem respondidos dos dias 13/04/2021 até 15/05/2021 e teve como participantes os professores da disciplina de Geografia que atuam na Educação Fundamental nas Rede Estadual em Foz do Iguaçu, em função de sua influência na discussão de conceitos relacionados ao seu entorno. O questionário é composto por 11 perguntas abertas, que podem ser divididos em dois blocos: o primeiro bloco de perguntas relativas à territorialidade e a percepção da vivência fronteiriça e o segundo bloco com perguntas relacionadas com sua prática docente. Permitir que os professores usem suas próprias palavras para contar os desafios de educar na fronteira se torna uma oportunidade para entender também como eles mesmos enxergam o local que vivem e de como tudo isso atravessa em seu fazer pedagógico.

Apesar de suas vantagens, a metodologia “Bola de Neve” também apresentou desvantagens, como a pouca penetrabilidade: apenas uma primeira cadeia de referência se apresentou, e a quantidade de questionários respondidos ficou abaixo do esperado no início da pesquisa. Foi feita uma análise preliminar a partir dos resultados obtidos nesse primeiro momento, resultados estes que foram levados para a qualificação. Com a percepção de que haviam uma amostra pequena de respostas e que isso fazia com que os resultados tivessem abaixo do esperado, resolvemos eu e meu orientador a repensar as perguntas do questionário e reapplicá-lo novamente. Diferente do primeiro momento, onde ainda não havia uma ampla vacinação e o encaminhamento para o final de um ano com as novas demandas das aulas *online*, o engajamento para responder o questionário foi baixa. Neste segundo momento, com um novo questionário – e onde o contexto era já de pessoas imunizadas já com a segunda dose da vacina e em que os casos mais graves estavam recuando - obtivemos uma maior participação dos docentes, com respostas mais prontamente respondidas.

5. APROXIMAÇÕES DAS BORDAS

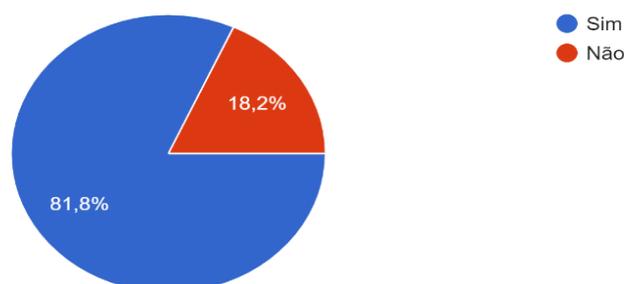
As discussões clássicas sobre fronteira percebiam este território enquanto parte de uma frente de expansão, depois passando pelas questões das fronteiras internacionais até as contendas sobre os limites políticos. Desde o final do século XX foram sendo construídas uma série de propostas que tentam definir o conceito de fronteira, especialmente depois de 2001. Existem pensamentos bem definidos, onde um apoia-se na securitização das fronteiras -a teicopolítica, e outro viés que sugere o pensamento de uma representação de uma fronteira mais porosa, onde aprendemos a convivência – mas também onde ensinamos/nos ensinam a conviver com o conflito, a perceber, como em nenhum outro lugar, que a fluidez e o estanque são faces e fases.

Em uma primeira aproximação com os professores tivemos o número de 11 questionários respondidos. Inicialmente as respostas dadas pelos professores na primeira pergunta a maioria dos entrevistados (81,8% dos professores) percebem que sim, existe uma influência em suas vidas diárias o fato de viverem em uma cidade fronteiriça. A justaposição de diversos símbolos, signos e significados são interpretados de diferentes maneiras por cada sujeito e sua forma particular de explicar o que representa o cotidiano fronteiriço. Um segundo grupo de professores (18,2%) entendeu que o em seu cotidiano não sentem a influência de viver em uma cidade de fronteira. Existem diferentes formas de estar e perceber um lugar; e este pluralismo epistemológico, baseado na sua origem e na forma de perceber o mundo acabam por influenciar a forma de sua aula. Estes saberes que estão na trajetória pré-profissional tem um peso importante na mobilização dos saberes que serão mobilizados e utilizados no exercício do magistério (TARDIF, 2002).

Quadro 1: Influência do cotidiano fronteiriço

2- Viver em uma cidade fronteiriça influencia no seu cotidiano?

11 respostas



Fonte: Autora

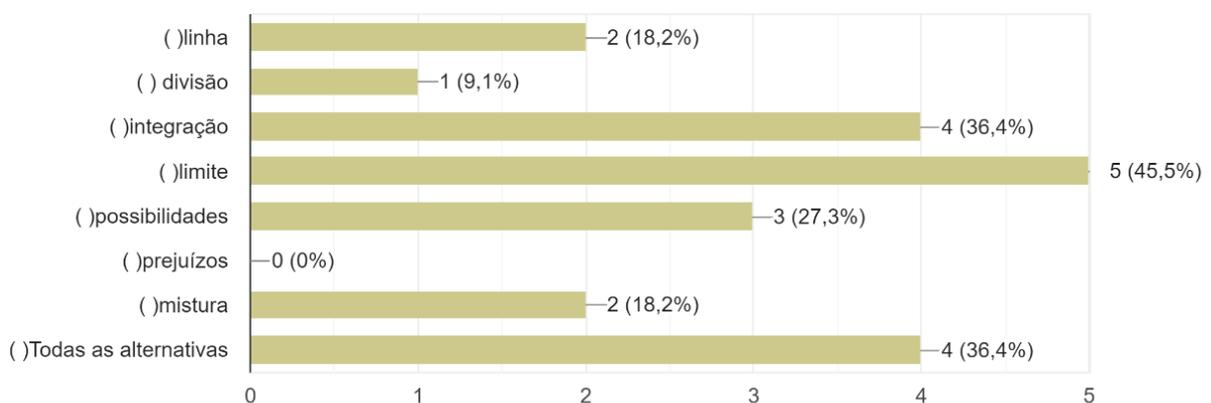
Quando questionados acerca de sua compreensão sobre a fronteira, os professores deixam aparecer o sujeito “epistêmico” e “existencial” que se coloca diante do mundo em relação com o conhecimento a partir de sua vivência e memória, os exemplos, esquemas, procedimentos e representações a partir das quais organiza as novas informações (TARDIF, 2002, p.104). Entendendo que a fronteira nacional é um dispositivo simbólico cuja representação está condicionada à desenhos, fotos, mapas, reportagens, etc., que está presente na experiência das populações transfronteiriças (ALBUQUERQUE, 2020, p.279), têm-se como a percepção que o entendimento dos professores (72,8%) passa pelas palavras “limite”, “linha” e “divisão”.

Trabalhar na docência em território fronteiriço é uma circunstância que apresenta uma série de desafios que são ligados à uma prática docente de questionamentos e reflexões para a compreensão sobre essa realidade complexa, e que só são possíveis a partir da formulação de novas práticas docentes. Ao buscar compreender as relações que permeiam o ensino do conceito de fronteira, a pesquisa busca dialogar com as especificidades da temática sob dos conteúdos da disciplina de geografia.

Quadro 2: Definições de fronteira

1- O que é fronteira para você? Como você define e entende a cidade de fronteira?

11 respostas



Fonte: Autora

As fronteiras nos convidam para construir outras perspectivas, usualmente

interdisciplinares com características transfronteiriças que problematizam algumas limitações acadêmicas e certezas intelectuais. Considerando que o espaço da fronteira tem um significado político, econômico, cultural e social de caráter polissêmico, o profissional da educação em Geografia tem elementos que contribuem para criar junto aos seus alunos, uma compreensão maior do espaço que vivem e das dinâmicas do mundo em contínua transformação.

Considerando que o espaço da fronteira tem múltiplos significados, que passam pelos políticos, econômico, cultural, as especificidades desse local demonstram como não somente os países, mas também as pessoas se interrelacionam dentro de suas assimetrias. Aqui cabe como exemplo a imagem do caleidoscópio, que justapõe e mistura as cores, que mudam conforme a movimentação e que a partir desta dinâmica cria novas relações entre as formas. As respostas revelam que para essa pergunta existe uma maior complexidade e varia, dependendo de quem a responde. Nomear os limites, sejam eles físicos ou demarcações entre países, as zonas próximas aos pontos limítrofes e suas inter-relações variam conforme a experiência de cada sujeito.

Dos professores e professoras que responderam ao questionário, 36,5% escolheram todas as alternativas das que foram sugeridas nas perguntas. O mesmo número apareceu com respostas que consideram a fronteira apenas como limite. As respostas que consideram também os sistemas sociais, políticos e econômicos que dividem e unem simultaneamente uma, duas ou mais situações começam a tatear a complexidade de definição do que é a fronteira. A exemplo de 4 professores que trabalham com a fronteira a partir do conceito de integração, apontado no questionário. A partir de um ensino que englobe a fronteira, parte-se também de que os processos históricos de construção da fronteira devem ser considerados, assim como as suas manifestações físicas, os fluxos, atravessamentos e os movimentos transfronteiriços, a paisagem e a distribuição de recursos naturais, os esquemas de permissividade e os esquemas de opressão que se fazem presente no cotidiano de quem vive na fronteira. Presente nas respostas dos entrevistados, a palavra “possibilidades” foi marcada em 3 respostas.

Partiendo de la reflexión que lo educativo se encuentra íntimamente ligado a como se piensa la región. Dado esto, pensar una política de formación docente permanente, desde y para la frontera, implica pensar la región y el contexto en el cual los/las docentes realizan su tarea cotidiana, exigiendo pensar la frontera desde sus múltiples sentidos: económico, geográfico, histórico, social y discursivo (TALLEI, 2019, P.162).

Nesta condição, o ato pedagógico exige uma preparação e reflexão

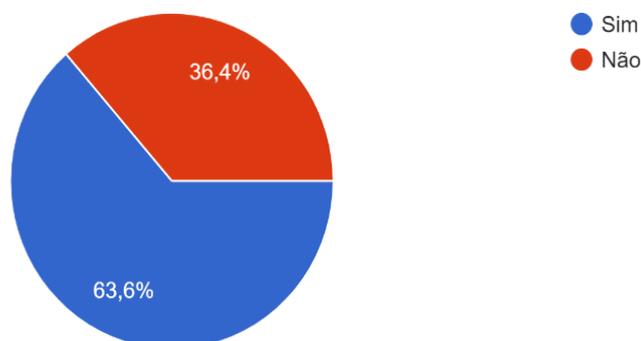
diferenciada, para aqueles professores que reconhecem e pensam a singularidade da fronteira, ainda que seja possível ensinar em uma cidade de fronteira dentro da lógica do nacional, sem uma abertura para essa outra possibilidade. Isso implica na necessidade de trazer a fronteira para o centro do debate, buscando outras possibilidades, como de revelar novas dimensões de organização social a partir de um objeto de estudo que vai exigir uma constante redefinição advindos de toda comunidade epistêmica. Ao forçar uma problematização dos lugares comuns, as fronteiras convidam a buscar perspectivas mais interdisciplinares com foco nas diversas maneiras de pensar a cidadania, as línguas, as assimetrias territoriais e sobreposição de identidades e suas misturas culturais.

Buscar a articulação da singularidade da fronteira para além da perspectiva nacional é um desafio para os professores de Geografia (e não somente eles, embora nesta pesquisa eles sejam o foco) que, ao tecer seu trabalho junto aos seus alunos, podem investigar essas relações presentes em sua localidade, a fragmentação do espaço, relações entre as decisões políticas e econômicas que afetam a região, sobre a diversidade cultural e a dinâmica de contínua transformação, entre outros temas que podem ser abordados em sala de aula. O pensar geográfico implica na contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, e ao situar espacialmente os fenômenos do mundo que vive faz com que propicie o entendimento deste espaço nas suas práticas sociais, e é indispensável para a formação dos sujeitos participantes da vida social.

Quadro 3: O conceito de fronteira nos materiais didáticos

4- O conceito de fronteira está presente nos conteúdos geográficos, ou nos materiais didáticos encaminhados pela SEED-PR aos professores de Geografia de Foz do Iguaçu?

11 respostas



Fonte: Autora

O quadro 3 demonstra que, para os professores entrevistados, 63,6% conseguem perceber a fronteira nos materiais didáticos encaminhados pela SEED-PR. Sabe-se que o livro didático sempre desempenhou um papel central na educação, no entanto é importante considerar a necessidade de combinação com outros recursos de ensino-aprendizagem, que devem ser pensados para atender as demandas de suas realidades. Para escolher o material didático, os professores precisam considerar o currículo que a escola propõe, em consonância com o método de ensino-aprendizagem que será usado em sala de aula.

Por estarem dissonantes à norma nacional, as escolas de fronteira colocam um desafio aos professores de geografia frente ao currículo e aos materiais didáticos no que toca sua ação frente às demandas de explicar sua localidade. Considerando que o livro didático desempenha um importante papel na mediação do conteúdo e desempenha um significativo alicerce nos processos de ensino-aprendizagem, os livros escolhidos devem atuar como estímulo para os alunos. Ainda que deveras importante, não deve ser entendido como única fonte de conhecimento, haja visto a enorme gama de possibilidades, incluindo aí as novas tecnologias que estão presentes no dia a dia dos alunos.

Quando em região de fronteira, existem outras territorialidades e históricos escolares que diferem entre os países, de modo que influenciam o cotidiano escolar, o sistema escolar também é um demarcador da lógica do estado-nação, feita por meio de suas práticas e saberes que reforçam essa lógica. “É a existência da educação nacional que compõe o horizonte abrangente tanto de similaridade quanto de tensão para as escolas em contextos fronteiriços” (SILVA, 2021, p.36). A vivência na escola que se localiza na fronteira faz lembrar que a condição geográfica também se expressa nas relações pedagógicas que dialogam com o currículo.

Dentro das perguntas formuladas, havia o interesse em entender como os professores percebiam a relação entre a vivência dos alunos no território fronteiriço e quais eram as percepções deles dentro do entendimento dos conceitos de lugar, paisagem, território e espaço geográfico, que são categorias fundamentais para a construção do pensamento geográfico. As respostas puderam ser categorizadas em três grupos, que foram divididos para compreender a ideologia e seu funcionamento imaginário articulado com os conceitos que estão sendo pesquisados.

Para cada categoria foram separados blocos de perguntas que têm relações entre si: o primeiro grupo descreve a fronteira no campo da integração, levando

em conta os processos interculturais. No segundo bloco de respostas estão focados na relação das crianças com o ambiente fronteiriço em função do trabalho de seus pais. No terceiro grupo de respostas está a vivência dos alunos que não participam do ambiente fronteiriço apesar de viverem numa cidade de fronteira. Orlandi aponta que “são processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, etc.” (Orlandi, 2007, p.21), onde nesta pesquisa está sendo tomada a análise do discurso para compreender a produção de sentido de cada resposta, buscando aí os elementos que podem ser compreendidos como fatos discursivos, que trazem a memória como base de consideração desses domínios simbólicos que estarão sujeitos à análise.

O conhecimento geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo e é indispensável para a formação de sujeitos participantes da vida social na medida que propicia o entendimento de seu espaço geográfico e sua influência nas práticas sociais locais (CAVALCANTI, 1998.p.11). Para os professores P1 e P11 encontra-se um discurso de integração fronteiriça pela cultura, podendo ser trabalhado com os alunos com os exemplos de circulação de mercadorias e pessoas, bem como o tensionamento teicopolítico e xenofobia em períodos de crise.

Na cidade de Foz do Iguaçu percebo a questão de fronteira através dos povos estabelecidos nesta região, circulação de produtos, pessoas, leis e normas de cada país da tríplice fronteira. A articulação em sala de aula com os alunos, depende muito do tema que estou trabalhando. Na realidade, sempre construo o pensamento através do quesito regional para que todos os alunos tenham uma percepção melhor do conteúdo através das experiências locais de fronteira. Isso no caso, quando o conteúdo possibilite a reflexão e o entendimento sobre questão de fronteira. (P1)

Para além da investigação de questões que estejam relacionadas ao saber geográfico escolar, é preciso que seja trabalhada uma docência que considere que a aprendizagem seja efetiva é necessário levar em conta as características socioculturais, intelectuais e afetivas de seus alunos. Conforme coloca Cavalcanti, a experiência tem mostrado a ineficácia de se ensinar conceitos às crianças ou ao jovem apenas transmitindo a eles o conceito definido no livro ou elaborado pelo professor. A pesquisa corrente sugere que o professor deve propiciar condições para que o aluno possa formar, ele mesmo, um conceito. (CAVALCANTI, 1998, p 26). É necessário portanto considerar as especificidades e as relações cotidianas e relacionar aos conceitos que precisam ser ensinados.

Tensionamentos no cotidiano devido a aspectos sociais, com a intensificação radical da xenofobia em períodos de crise econômica e fragmentações culturais decorrentes das divisões modernas que foram hierarquicamente estabelecidas entre os territórios, sem considerar a integração orgânica que une esses espaços, tanto nos aspectos culturais quanto populacionais. (P11)

A multiplicidade das fronteiras e das relações de poder através de seus limites é abordada por uma de suas dimensões mais ricas, mas muitas vezes negligenciada: a pedagógica. “La ciudad de Foz de Iguazú es multicultural y diversa pero aún de avanzar para constituirse en una ciudad realmente, transcultural y plurilingüe, en el reconocimiento de todas sus lenguas y culturas” (TALLEI, 2019, p.163); isto implica em pensar que o contexto no qual os professores realizam suas tarefas cotidianas exigem que se pense a fronteira desde seus múltiplos sentidos. O professor P9 coloca que “Percepções de diferentes escalas cartográficas e geográficas que podem ser exploradas no cotidiano das pessoas por diferentes representações espaciais”, assinalando a forma de ensinar, para que esta seja aproveitada a relação de seus alunos com a fronteira.

Um segundo bloco de respostas foi percebido no que toca a problemática do trabalho dos pais dos alunos que frequentam a escola. De acordo com o P5: “O uso do imaginário e ambientação a vivência dos alunos promovem estreitos laços com a temática, muitas vezes já há conhecimento prévio advindo do ambiente familiar sobre o tema”; e com o professor P8: “Com o trabalho da família dos alunos no trabalho informal no Paraguai”. É neste contexto que as tensões constitutivas do Estado-Nação se fazem presentes na escola: Os conceitos do Estado-Nação vão sendo instituídos na vida das crianças fronteiriças por via dos conteúdos, com os pais/adultos responsáveis trabalhando ilegalmente no transporte de mercadorias ao mesmo tempo que a escola também é constituída pela legalidade dentro desta mesma lógica.

A escola é um território onde o modo de vida fronteiriço e suas diversas camadas e sobreposições de vida cotidiana (trabalho legal/ilegal), do direito (como a participação na educação pública) e a vida (condição material de sobrevivência, o trabalho dos adultos) se encontram, ora radicalizando ora relativizando os limites.

O entorno socioespacial da escola, a geografia de oportunidades nela instalada, constituem fatores da escala local que repercutem sobremaneira na construção das desigualdades de oportunidades, bem como das desigualdades escolares. É nesse território que são travadas relações sociais com forte grau de complexidade. (DORFMANN; FIZIOLA; FÉLIX, 2021, p.21)

O terceiro grupo de respostas apontam duas respostas que se colocam de forma contraditória com a maioria. De acordo com o professor P6 a relação dos alunos com a vivência na fronteira é “Muito precária, os alunos não conhecem o lugar em que vivem.” O mesmo se dá com a percepção do professor P10: “Articulação pouco relevante e longe da realidade do aluno.” Aqui percebe-se o tamanho do desafio dos docentes, porque mais que ensinar apenas conteúdos, é preciso ensinar por meio de atividades de suas aulas, o desenvolvimento de capacidades e habilidades. Parte dessas habilidades consiste em criar um ambiente que desenvolva uma atitude indagadora diante de cada realidade, com capacidade de análise frente a essas realidades, aos fatos de seu contexto socioespacial.

Devemos considerar, enquanto professores que desejam que seus alunos tenham uma percepção dos temas complexos, a compreensão de que existem uma multiplicidade de perspectivas e tipos de conhecimentos, onde ensinar Geografia vem junto com a convicção de que aprender sobre o espaço circundante é importante na medida que é uma dimensão da realidade.

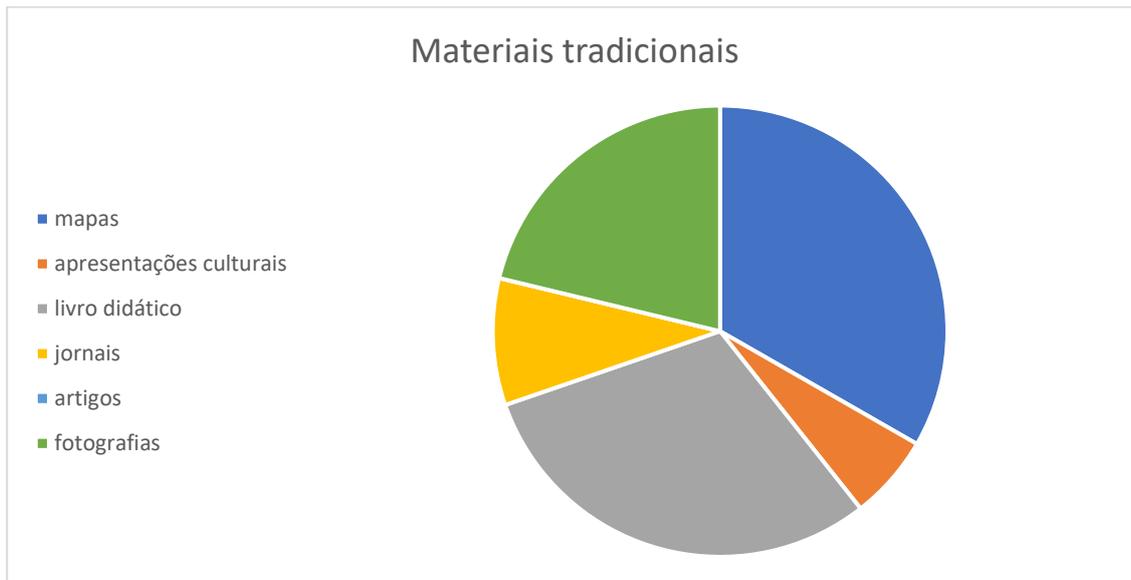
As ações e operações referentes à descoberta e à elaboração direta e espontânea dos alunos devem estar, nessa visão, compondo um conjunto maior cujo alvo é a construção do conhecimento via internalização, reelaboração, da cultura elaborada. Isso significa considerar outras ações ou operações igualmente importantes como: sistematizar as observações, tratar as informações obtidas, analisar e sintetizar conhecimentos já elaborados, memorizar fatos, comunicar conhecimentos, expressar verbal e graficamente os fatos observados, entre outros. Todas essas atividades são importantes e adequadas para a construção dos conceitos em Geografia. (CAVALCANTI, 1998, p.148)

A finalidade de ensinar Geografia deve ser de ajudar a formar uma mentalidade crítica e com outros universos culturais, para pensar o espaço de forma abrangente e proporcionando uma dimensão que aproxima sujeitos dos seus espaços vividos. Para isso é importante conhecer e entender os objetivos e metas da escola onde se ensina. O currículo escolar, é apontado como um modo de seleção da cultura produzida pela sociedade para a formação dos alunos, é tudo o que se espera que seja aprendido e ensinado na escola. Cabe então aos professores assegurar um ensino preocupado com a construção de conceitos e ter atenção no que toca a manutenção da relação dialógica com os alunos. Para Libâneo (1985), o Projeto Político Pedagógico é um documento que garante a autonomia para as instituições de ensino em relação à proposta de orientação de suas

práticas educacionais, estabelecendo os objetivos do ambiente educacional, podendo incluir desde a proposta curricular até a gestão administrativa no mesmo. É papel da escola formar cidadãos que estabeleçam uma relação crítica e construtiva, participantes da vida social contemporânea. Neste contexto, escola é entendida como mediação entre o individual e o social, articulando a transmissão dos conteúdos e a assimilação ativa por parte do aluno e dessa articulação é construído o saber criticamente reelaborado.

Sobre os materiais didáticos que são utilizados nas aulas, os professores entrevistados citaram uma série deles que podem ser categorizados em dois grandes grupos: os materiais tradicionais (mapas, apresentações culturais, livro didático, artigos, jornais e fotografias) e o segundo grupo que consiste nas mídias virtuais (apresentação no *power point*, vídeos de documentários, vídeos no *youtube*, simuladores, jogos *online* e *podcasts*).

Quadro 4: Materiais didáticos tradicionais



Fonte: Autora

O material didático pode ser entendido como o recurso que é utilizado para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando ao aluno experimentar representações de realidades, conceitos, relações com a cultura e a realidade. Ao pautar no rigor metodológico para o planejamento, os professores conseguiram se beneficiar dos materiais didáticos para a fixação dos conteúdos propostos. O mapa e os vídeos do *youtube* foram os recursos didáticos mais utilizados pelos professores de Geografia, com 100% dos professores apontando essa alternativa, seguido do livro didático (90.9%). O período de

pandemia criou uma necessidade de adaptação para professores e alunos, vinculadas às dificuldades do momento. Estes vídeos utilizados em aula foram parte de uma estratégia para a aprendizagem significativa dos estudantes, aplicando esse recurso para dinamizar as aulas. A utilização de vídeos no *youtube* neste período se tornou um forte instrumento de ensino, desde que propostos com finalidades definidas em planejamentos organizados para sensibilizar para as temáticas que seriam discutidas. Também foi observado que durante a pandemia vários alunos não possuíam celulares e computadores que comportassem essas aulas. Este período também evidenciou as desigualdades sociais, expondo as dificuldades dos estudantes que não tinham acesso

Por sua importância fundamental no processo de construção do conhecimento geográfico, com sua reconhecida importância como linguagem fundamental para o ensino de Geografia; os mapas têm como característica ser uma produção cultural que retrata as representações dos territórios, de forma que é possível ler neles o contexto da sociedade que o criou. Entendidos aqui como uma forma de expressão e comunicação através de uma representação de uma sistematização de informações, que vão desde indicação de localidades, distâncias e uma infinidades de informações e elementos que podem estar descrito e contido neles, estão presentes no cotidiano escolar como recurso didático principal dentro de sua prática educativa.

Os mapas são o documento geográfico por excelência, e são considerados um valioso instrumento didático. É importante destacar aqui a importância de aprender a ler mapas, mas também construir mapas para compreendê-los. A compreensão dessas representações espaciais em uma síntese geográfica é uma chave de entendimento tanto da organização espacial como da espacialização dos fenômenos. Importante frisar aqui que se os mapas foram um dos materiais didáticos mais registrados pelos professores, por outro lado, os mapas interativos tiveram 45,5% dos apontamentos.

Os professores de geografia têm o desafio de estimular a prática de pensar o mundo, e a cartografia vem apresentar uma possibilidade de contato com a realidade, e os mapas são o recurso imprescindível devido a sua grande importância no processo de ensino-aprendizagem da ciência geográfica. Trazer a experiência diária do aluno para a sala de aula potencializa a capacidade de aprendizagem destas representações cartográficas. Mapear os espaços conhecidos, os espaços cotidianos como escola, bairro, o trajeto casa-escola, a sala de aula são experiências que ajudam os alunos a construir esses conhecimentos. e entenderem as relações e as interrelações que neles ocorrem.

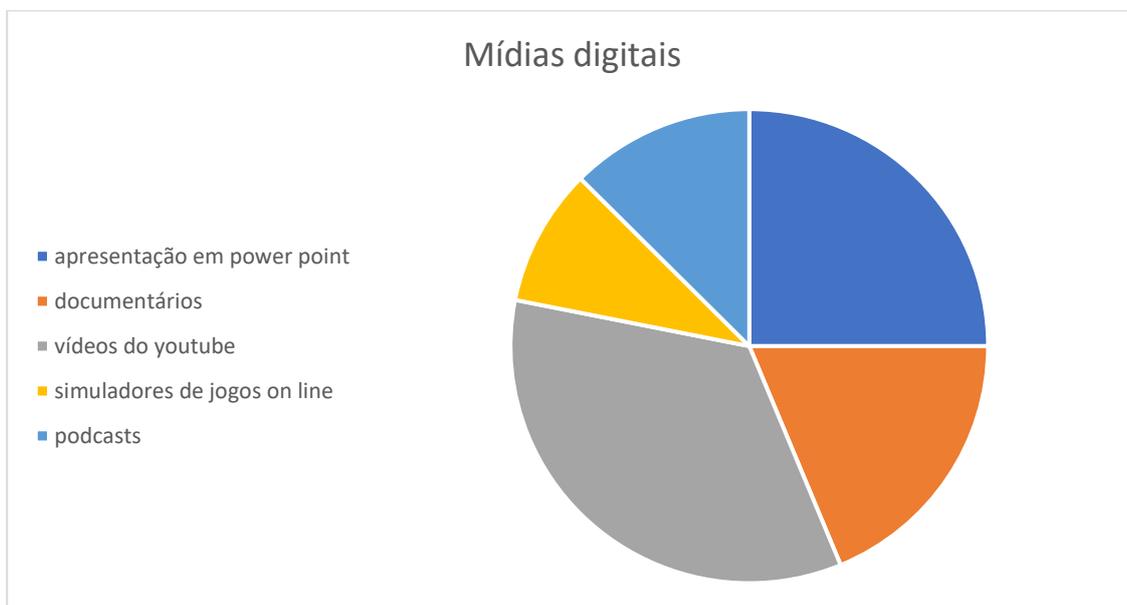
O livro didático entra como um dos mais apontados nesta entrevista, sendo

este a forma mais comum de apresentar o conteúdo exigido em sala de aula. Esse recurso também é o mais utilizado, por fazer parte do plano pedagógico de cada escola e serve de referência, guiando o trabalho do professor. Entretanto, se os professores se utilizarem apenas do livro didático, mesmo que de maneira adequada, esse recurso acaba sendo utilizado como uma “muleta”, com aulas num formato rígido e sem muita autonomia.

Os livros didáticos se configuram como um dos principais recursos pedagógicos utilizados na mediação dos conhecimentos dentro da escola, sendo um instrumento importante tanto para os professores quanto para os alunos. Como uma faca de dois gumes, esta institucionalização do livro didático faz com que muitas vezes seja utilizado como único material com o qual os alunos tem contato durante o processo de aprendizagem na escola, daí a necessidade de reflexão acerca das utilizações deste recurso pedagógico. Ao assumir que o livro didático toma a centralidade no processo educativo, o olhar crítico e reflexivo dos professores é fundamental no que toca a uma prática dos conteúdos sejam significativos para as realidades dos alunos.

Não há neutralidade na forma de como são produzidos os livros didáticos, mas com uma mediação dos saberes contidos no livro com o cotidiano dos alunos é possível provocar a reflexão por meio da problematização dos conteúdos apresentados. Os professores críticos-reflexivos possuem condições de transformar o livro didático em uma ferramenta de formação comprometida com a transformação social, a depender da sua forma de utilização.

Quadro 5: Mídias digitais



Fonte Autora

A utilização do *youtube* como forma de provocação para as aulas indica que esse caminho já vem sendo percorrido pelos professores, que buscam novas formas de apresentação dos conteúdos que englobem a forma como os alunos se relacionam no seu cotidiano. É preciso estar aberto à discussão da inclusão de novas tecnologias na medida em que os processos educativos se fazem cada vez mais codependentes dessas novas formas de aprender. “É bem mais prudente apresentar-se como parceiro mais experimentado do que dono prepotente e disciplinar do saber” (DEMO, 2009, p.32).

Os vídeos tem sido cada vez mais utilizados como recurso pedagógico. Por meio de estímulos visuais e sonoros, o recurso pode ser utilizado para fim de compreender a fronteira, inclusive porque os alunos estão acostumados e sensibilizados com essa mídia. Essa enorme quantidade de vídeos pode trazer oportunidades para integrar os conteúdos como uma estratégia pedagógica. Cabe aqui apontar, como coloca Demo (2009, p. 53), mais que usar imagens disponíveis, essa ferramenta aponta para o desafio de saber criar conteúdo. Os professores têm o desafio de trabalhar com as novas tecnologias em suas aulas, quase sempre em desvantagem com os jovens. Para que isso ocorra, é necessário que os professores estejam conscientes e desenvolvam valores de acordo com o que se apresenta a eles no seu contexto escolar.

Vale a pena frisar que muitos dos canais com conteúdo de geografia no *youtube* são feitos por e para professores, que de forma autoral exibem suas aulas nesta plataforma. Mais uma vez é importante frisar a importância da curadoria crítica dos vídeos que vão ser apresentados aos alunos, de modo que a possibilidade de utilização de mídias esteja orientada com um viés que traga em seu interior a problematização do uso das mídias oferecidas pelas *Big Techs*. Para além da plataforma do *youtube*, existem outras possibilidades de utilização de vídeos, inclusive disponibilizadas dentro do repositório *online* contido no site da Secretaria de Educação do Paraná.

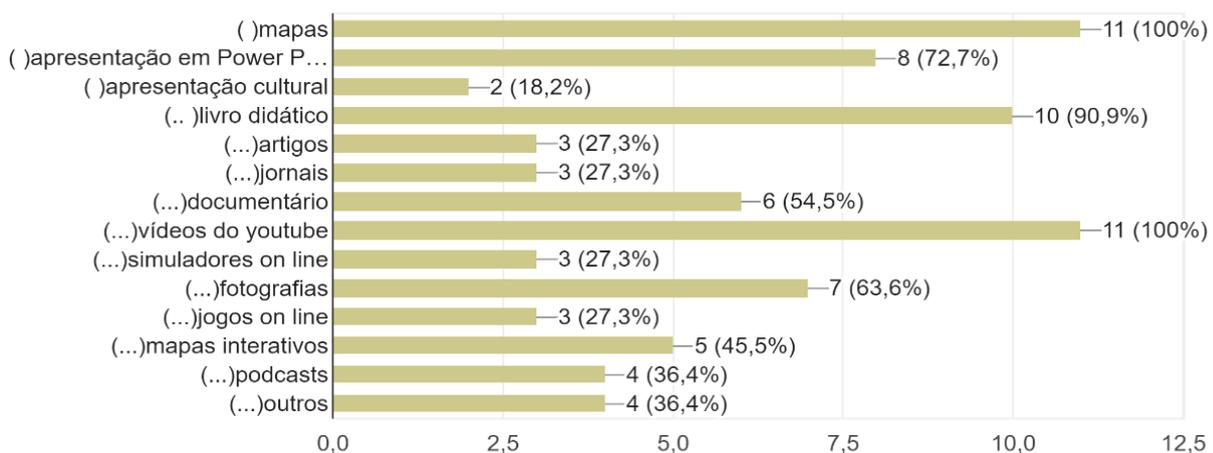
Apresentação em *power point* vem na sequência das mais apontadas pelos professores, com 72.8% dos apontamentos, e as fotografias com 63.6%. Com o surgimento de novas tecnologias de obtenção de imagens (inicialmente a partir da fotografia, mais recentemente com cinema, televisão, publicidade e atualmente com os celulares) percebe-se que a distribuição do conhecimento se dá cada vez mais pelo uso da imagem. O uso conjunto de textos, imagens concebidas com finalidade educativa representam uma inovação na aquisição, organização e difusão do conhecimento, e pressupõe interatividade. Trabalhar com imagens facilita a visualização dos conceitos que

estão sendo trabalhados em sala de aula, mas é necessário que se tenha o cuidado de não fixar essas apresentações como uma forma pronta de aula. Os materiais de apresentação em *power point* precisam ser periodicamente revisados, a fim de ser um espaço de circulação de novas informações e conteúdos e não um modelo de aula pronta.

Quadro 6: Recursos didáticos utilizado em sala de aula

6- Que recursos didáticos você utiliza com mais frequência em suas aulas?

11 respostas



Fonte: Autora

A utilização de documentários também teve uma expressiva pontuação, com 54.5% das respostas. O uso do documentário (assim como o *youtube*) como ferramenta didática no processo de ensino-aprendizagem pode criar espaço para debates, discussões que podem construir ou desconstruir conceitos e olhares.

O século XX foi o século da comunicação, marcado fortemente pelas inovações do domínio da transmissão da imagem animada e do som -cinema e rádio, também responsáveis por mudanças nos modos de perceber. (BANDEIRA, 2009, p. 158).

Um ponto importante a ser considerado é que os documentários não são uma verdade absoluta e não podem ser utilizados como fonte totalmente fidedigna da realidade, visto que a base fundamental do cinema -é a edição (cortar e montar) para criar uma linha narrativa. Embora haja documentários que exibam imagens de arquivos históricos, entrevistas com testemunhas de eventos e elementos extraídos da realidade.

“(…) cabe ao professor investigar entre tantas possibilidades como produzir ou selecionar mídias audiovisuais” (BANDEIRA, 2009, p.194). Para o uso de recursos audiovisuais, o crivo dos professores é fundamental, que deve ser relacionado a partir de um olhar crítico antes de ser exibido para os alunos.

O emprego de mapas interativos (45.5%) aponta uma possibilidade de articulação que pode fornecer uma ferramenta importante na busca de novos métodos para o ensino. Nesta categoria também poderiam ser incluídos os jogos e simuladores *online*: ambos foram apontados por 27.3% dos professores como possibilidades de material didático. Observa-se que é um material didático que busca conciliar a realidade dos alunos, que são usuários das tecnologias, com o processo de aprendizagem. Os *podcasts* também apareceram enquanto possibilidade de material didático com 36,4%. *Podcasting* é um arquivo de áudio que pode ser baixado e escutado, como uma forma de rádio virtual. Esse tipo de mídia pode conter reportagens, interpretações históricas, narrativas científicas, novelas e literatura. Pode ser aproveitado pelos professores de diversas maneiras, entre elas de gravar seus conteúdos, fazer apresentações especiais ou mesmo instigar seus alunos a produzirem trabalhos escolares dentro dessa linguagem.

Paralelo a isso, existe a realidade das escolas, que muitas vezes se encontram equipadas com computadores que são subutilizados, mas que podem fornecer uma ferramenta importante na busca de novos métodos para um ensino de melhor qualidade. O uso das tecnologias nas salas de aula das escolas públicas é um grande desafio, visto que existe uma carência de acesso à tecnologia. Isso ficou bastante evidente durante o período em que a pandemia de COVID-19 fez com que o ensino tivesse que ser reorganizado para a forma remota. Aliado a isso, a maioria dos alunos não tinha acesso ou à internet ou mesmo à aparelhos celulares e computadores.

A pandemia de COVID-19 fez com que os professores forçosamente tivessem que se reinventar e repensar suas aulas, não sem muitos conflitos e com alguma falta de intimidade com as possibilidades do ensino virtual. Nesse ínterim, observou-se que os professores que planejavam suas aulas de uma forma mais interativa, com foco na aprendizagem dos alunos e com a possibilidade de uma aula de autoria coletiva, foram os que menos tiveram problemas nesse momento de aulas 100% em ambiente virtual. Demo (2009, p.67) aponta que “em vez de interventor, o professor precisa tornar-se parceiro do mesmo processo de aprendizagem, dentro da noção de comunidade de aprendizagem. Durante o segundo ano da pandemia houve uma retomada gradual, seguindo os protocolos de segurança, com distanciamento social e grupos híbridos que se revezavam entre aulas

presenciais e remotas. As escolas públicas, ainda assim, estavam longe de conseguir oferecer o suporte tecnológico necessário para que houvesse um aprendizado sem perda de qualidade.

Não pretendo de modo algum afirmar aqui que o modo de aula virtual é a melhor opção de ensino, visto que um olhar mais crítico desvela a forma de como está sendo imposto nas escolas - especialmente com vistas no que toca a exclusão escolar com os alunos de renda mais baixa e quem não têm nem acesso material para essa modalidade de ensino remoto. Mas é necessário pontuar que durante o tempo em que não havia um plano de vacinação efetivo foi um caminho utilizado pelos professores e que configurou uma nova possibilidade de aula naquele momento.

Quando questionados sobre quais atividades os professores utilizavam para que suas aulas abordassem o conceito de fronteira foram categorizados dois blocos de respostas diferentes. No primeiro bloco foram de respostas que trabalham uma aula mais tradicional e o segundo bloco de respostas são os professores que têm uma perspectiva crítica e que tentam colocar o cotidiano fronteiriço em suas aulas para aproximar das experiências que os alunos trazem.

Quadro 7: Perspectivas das práticas pedagógicas utilizadas pelos professores



Fonte: Autora

Os professores que apontaram trabalhar com uma aula mais tradicional dentro de uma visão da escola clássica, foram aqui apontadas nas falas dos professores P2, com “aulas de observação e explanação do conteúdo”, professor P3, que disse não desenvolver atividade prática, “realizo atividade com uso de mapas, exposição de figuras e

leitura”, culminando com a resposta do professor P11 que disse “Não há nada prático em sala de aula sobre quesito de entendimento de fronteira”. Professores são alguns dos profissionais que mais necessitam se manterem atualizados; é fundamental para o alcance de sua valorização profissional dar respostas ao cotidiano escolar, para que possa ter a competência exigida pela sua própria função social. O professor não pode ser um mero transmissor de informação e sim um agente crítico, que instiga e possibilita ao estudante tomar consciência a partir da sua atividade escolar em relação à sua vida social, ou seja, uma prática educativa que prepara o aluno para a vida.

Considerando que o espaço da fronteira tem um significado político, econômico, cultural e social e que as especificidades deste lugar explicam por que e como se dão as relações junto ao processo de mundialização, o profissional da educação em Geografia tem elementos que contribuem para criar junto aos seus alunos, uma compreensão maior do espaço que vivem e das dinâmicas do mundo em contínua transformação. Uma formação pedagógica multiculturalmente orientada é eficaz quando se trata das tendências homogeneizadoras que permeiam as práticas educacionais. Canen (2008) aponta que a articulação dos eixos de investigação sobre multiculturalismo e sobre o papel da pesquisa na formação de professores poderiam se fertilizar mutuamente e de forma crescente na produção científica.

(...) a função de preparar futuros docentes nas competências percebidas como centrais em um mundo globalizado e aqueles que compreendem tal espaço como campo discursivo com potenciais de atuação na construção de identidades docentes críticas, comprometidas com a valorização da pluralidade cultural e com a justiça social. (CANEN, 2008, p.18)

No que se refere à formação de professores, Canen aponta que o presente milênio tem sido marcado por tensões e movimentos que atribuem ao espaço de formação. Dentro deste pensamento, ainda existe o argumento de que a articulação da investigação que englobe o multiculturalismo junto com a pesquisa na formação de professores pode ser um fertilizante mútuo na produção científica sobre a fronteira. Embora a formação de professores não seja o único caminho para uma mudança nas práticas educativas, essa é uma possibilidade com a qual as universidades precisam se comprometer, com a finalidade de instigar a formação de profissionais críticos.

Por mais que os projetos educativos sejam permeados de boas intenções, o que predomina ainda é o discurso camuflado e as práticas neoliberais. Este problema fica

maior se o professor se encontra isolado e mergulhado em um ambiente que não lhe dá suporte para realizar uma aula com teor crítico. Se na teoria dos projetos educativos as escolas já avançaram no sentido de se reconhecer como um espaço de socialização e construção coletiva do conhecimento, na prática esta intenção ainda pode ser distante. Nenevé (2008) aponta que uma das formas de possibilitar essa formação é o questionando o próprio currículo dos cursos em que tais professores são formados. Embora existam movimentos no sentido de despertar o senso crítico dos alunos, o que ainda predomina é a educação tradicional e tecnicista, baseada em uma concepção de que o conhecimento deve ser repassado pelos professores com informações selecionadas, saberes descontextualizados e transmitidos disciplinarmente na lógica que Freire aponta como “educação bancária”.

No segunda categoria apontada, que são os professores que expressam uma perspectiva crítica e tentam colocar o cotidiano fronteiriço em suas aulas - seja através de relatos de vivências dos estudantes e mapeamento de origens migratórias dos mesmos, como quando o professor P8 propõe como possibilidade uma “feira cultural” (exercício no qual os alunos são divididos em grupos e apresentam as comidas típicas, roupas, músicas e danças de lugares pré-definidos) e ou como o professor P1 apresenta quando diz que “(...) trazendo para a sala de aula recordações das gerações mais antigas e de onde eles vieram, a fim de evidenciar o caráter moderno da fronteira e também o seu poder de atração como polo de desenvolvimento das forças produtivas e de trabalho na região.”

A perspectiva intercultural crítica estimula o diálogo entre os diferentes, assumindo as tensões e conflitos que podem emergir desse encontro. Um exemplo dessa afirmação fica evidente ao focarmos na fala do professor P1: “Também levo exemplos de matérias jornalísticas a respeito da expulsão indígena do seu território e das desapropriações forçadas de terras”. Candau aponta que “Ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos para todos os alunos e alunas” (CANDAU, 2011, p.242). Estas diferenças são parte de processos e realidades sócio-históricas dinâmicas que se configuram nas relações sociais e que são atravessadas por muitas questões de poder. Elas devem ser reconhecidas e valorizadas na medida que marcam dinâmicas de identidade, mas com o cuidado para que não se tornem marcadores de preconceito e discriminação.

Uma outra atividade prática apontada pelo professor P10: “Dois grupos definem regras, simulando um país; depois são estimulados estabelecerem parcerias e avançarem a fronteira. Já gerou até conflitos”. Ao experimentar uma possibilidade de

resolução de problemas, o sujeito coloca em prática suas ideias e sugestões de ações que visam a superação do problema, ensaiando uma possibilidade de atuação no contexto social. O mais importante neste método não é solucionar o problema, mas o debate de soluções e a busca por alternativas.

Dentro das respostas foi apontada ainda um atlas da cartografia da região de Foz do Iguaçu, elaborada pelos alunos e docentes de Geografia da UNILA e utilizada pelo professor P9 em suas aulas. Neste material percebemos a elaboração de diversos mapas contendo informações relativas à geografia local (www.atlasfoz.webnode.com), material geocartográfico *online* destinado a compreensão da realidade local, a partir de um viés geográfico. Em sua apresentação é registrado que houve diálogo junto às secretarias de educação e que a partir dos diálogos com os professores e estudantes da rede pública foi possível elaborar este material.

Nesta categoria de respostas também foram apontadas atividades que eram feitas antes da pandemia e depois da pandemia, como colocou o professor P6 em sua fala: “Antes da pandemia, o trabalho de campo realizado no marco das três fronteiras, durante a pandemia imagens de satélite, relatos, mapas”. A pandemia colocou o desafio das aulas virtuais, de modo que enquanto não houve vacinação não foi possível trabalhar com as aulas presenciais. Essa fala traz consigo a mudança radical que os professores tiveram que se adaptar frente ao novo formato de aula que se fez necessário adotar de modo emergencial. Também explicita a forma dramática que se deu essa adaptação, passando de uma aula de visita técnica ao Marco das Três Fronteiras – aula de potencial para uma série de discussões de diferentes temas em sala de aula, especialmente o que toca essa pesquisa- para uma aula no plano virtual, mediada com imagens virtuais (de satélite, mapas)

Para a maioria dos professores entrevistados (72,72%) disse se sentir influenciados no cotidiano pelo fato de viverem em uma cidade de fronteira, e que isso se faz sentir em suas aulas. O professor P2 afirma que facilita nas explicações, enquanto o professor P1 admite que hoje entende melhor o que significa viver na fronteira. O professor P6 coloca que facilita trazer a realidade em que o aluno vive para as aulas, quando aborda o conceito de fronteira, as relações de comércio e o MERCOSUL, por exemplo. O professor P8 coloca que trabalhou com o professor de história de sua escola o tema da Guerra do Paraguai; explicitando aqui a necessidade do trabalho em conjunto com outras disciplinas para trabalhar com conceitos mais complexos da realidade. O professor P11 diz:

Na cidade de Foz do Iguaçu percebo a questão de fronteira através dos povos estabelecidos nesta região, circulação de produtos, pessoas, leis e normas de cada país da tríplice fronteira. A articulação em sala de aula com os alunos, depende muito do tema que estou trabalhando. Na realidade, sempre construo o pensamento através do quesito regional para que todos os alunos tenham uma percepção melhor do conteúdo através das experiências locais de fronteira. (professor P11)

Dos entrevistados, houve um grupo de respostas com afirmações dos professores que não sentem a influência do cotidiano fronteiriço e que isso tem um pequeno impacto nas suas aulas. O professor P5 percebe o impacto de forma distante, quando coloca que busca “Artigos científicos sobre o tema, pesquisando em livros, revistas e jornais, assistindo filmes que retratam essa realidade em diferentes lugares, bem como documentários”, enquanto o professor P7 diz não perceber necessariamente esse cotidiano e “(...) neste sentido, a vivência apenas ilustra o conteúdo do livro didático”.

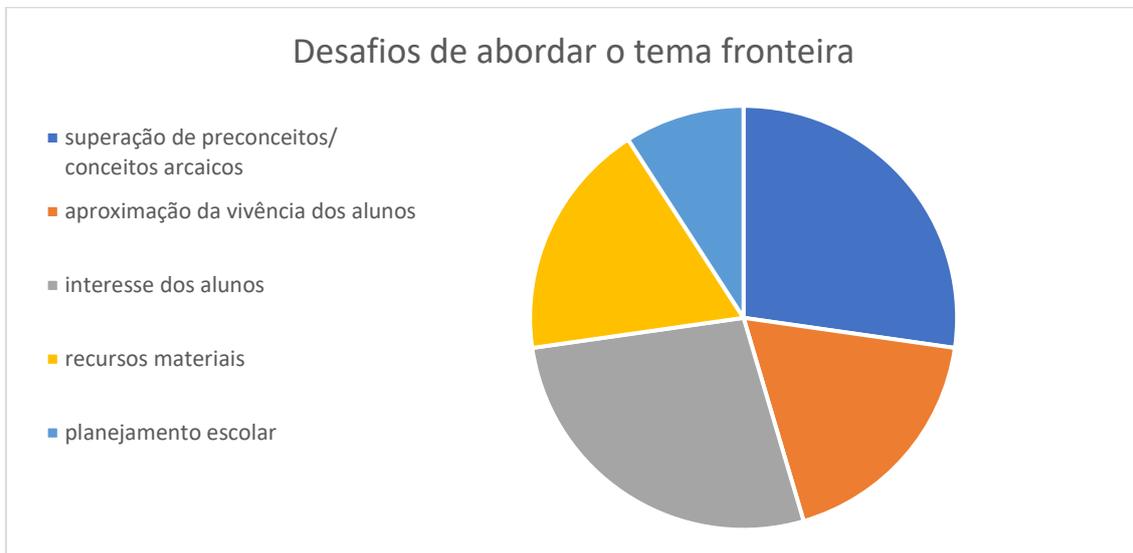
Percebe-se nestas falas a necessidade de entender como se deu a formação destes professores, com uma rediscussão crítica dos cursos de graduação com vistas a mudanças nos processos que atravessem suas práticas pedagógicas. A formação é um processo inicial que se inicia na graduação e que implica em que ele seja continuado, com vistas a ajudar os professores a darem respostas aos desafios diários no cotidiano dentro das escolas.

Ainda nesta linha, existe uma necessidade de que os cursos de formação, além de promoverem reflexão, poderiam incorporar a dimensão crítica da multiculturalidade para que os professores que trabalham na fronteira reconheçam neles próprios sujeitos multiculturalmente situados. Nenevé (2008) afirma que numa formação pedagógica multiculturalmente orientada pode agir no sentido de criar resistência às tendências homogeneizadoras (“monoculturalismo”) que permeiam as políticas educacionais existentes. Ele sustenta o argumento de que embora a formação de professores não seja o único caminho para uma mudança nas práticas educativas, ainda que uma das formas de possibilitar essa formação é o questionando o próprio currículo dos cursos em que tais professores são formados.

Neste sentido, a educação multicultural pode vir em auxílio aos professores que lecionam nas escolas da fronteira, para ajudá-los a desempenhar sua tarefa de ensinar a um aluno concreto, que tem sua perspectiva valorizada e construindo um currículo mais próximo à realidade cultural que está imerso. Aliado às tarefas de ensinar e estudar, é fundamental que esse profissional se mantenha atualizado para desempenhar com competência tudo que é exigido pela sua função social. Tais investimentos contribuirão para

o estabelecimento de uma nova prática pedagógica e a constituição de um ambiente escolar mais propício ao desenvolvimento dos estudantes que vivem na fronteira.

Quadro 8: Desafios apontados para debater a fronteira em sala de aula



Fonte: Autora

Por fim, os desafios apontados pelos docentes para ensinar sobre a fronteira: os professores P2 e P3 argumentam que “Os desafios são os mesmos de outros conteúdos, isto é, fazer com que os alunos estejam dispostos a ouvir e a estudar o tema” e “São temas presentes no cotidiano, e o desafio acredito é fazer que o aluno tenha interesse em estudar”. Para o professor P7 “É a dificuldade dos educandos se situarem no tempo e no espaço”. Em relação a estas respostas é necessário indagar as razões do reduzido interesse dos alunos em aprender, visto que o ensino da Geografia propõe justamente entender a dinâmica do espaço, e a participação certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre este espaço de forma abrangente e crítica.

Para que os alunos entendam os espaços, que se tornaram extremamente complexos na contemporaneidade, é preciso que aprendam a olhar para um contexto mais amplo e para os elementos que caracterizam e distinguem do seu contexto local. Mais que ensinar conteúdos, é importante que aprendam modos de ação por meio das atividades proporcionadas em sala de aula. Para isso, os professores podem propiciar o desenvolvimento de determinadas habilidades, como a capacidade de análise da realidade, fatos e fenômenos; as diferentes escalas presentes no cotidiano fronteiriço; a multiplicidade de perspectivas e tipos de conhecimento que estão presentes nas diferentes culturas presentes na fronteira; a discussão de que existem temas complexos e que devem ser

tratados como tais (de que as coisas não são simples, existem muitas perspectivas diferentes sobre o mesmo tema); trazer a compreensão de que a própria geografia é um processo histórico e finalmente, buscar mostrar com convicção de que aprender sobre o espaço que nos cerca é relevante, na medida que é uma dimensão da sua própria realidade.

A exemplo do professor P6, que expõe sua prática com a sua resposta:

Localizar os alunos primeiramente, diferenciar limite e fronteira, tentar fazer a aproximação com a vivência deles ou de familiares pessoas próximas para os inserir no contexto trinacional, para que eles tenham a percepção do próprio ambiente. P6

Os espaços nos quais a prática docente acontece é item essencial para o professor de Geografia fazer a aproximação com a realidade e contexto em que vive, para que seja possível formular uma proposta que se encaixe com a realidade dos discentes. Para facilitar a formação de novas práticas escolares para que haja um maior entendimento da região de fronteira estas disciplinas precisam ser aproximadas e trabalhadas em planos conjuntos para atuarem nesta realidade complexa.

O professor P5 explica esse desafio:

Superação de conceitos arcaicos que muitas vezes os alunos trazem de casa, como o sentimento de superioridade perante os países vizinhos e o resgate cultural que as fronteiras trazem no contexto geográfico e das relações humanas. P5

Os desafios a serem superados estão também na instituição escolar, que constrói o amálgama do Estado-Nação cotidianamente afirmado por práticas que demarcam e constroem esse imaginário - seja pelas disciplinas ou por seus rituais em datas pátrias ou por seus símbolos como a bandeira nacional, por exemplo. O ensino da Geografia pode contribuir para criar um diálogo entre os alunos e o local da vivência de cada um, colocando em prática o princípio educacional que respeita a experiência de cada aluno. “Essa forma de conduzir o trabalho pedagógico em sala de aula opõe-se à tradicional transmissão de conhecimentos, pois os alunos participam, enquanto sujeitos, do processo de construção do conhecimento e das representações do mundo contemporâneo” (VLACH, 2006, p.63). A escola tem um papel importante para esperar e reconhecer os seus alunos, com uma pedagogia que dialogue com os aspectos culturais no contexto em que está imersa, afirmando seu compromisso da valorização das identidades plurais e permitir

que elas se expressem no seu interior.

É difícil desmistificar a noção da fronteira como algo que nem sempre foi estabelecido como tal e que não é uma formação imutável na história. Também é um desafio desconstruir a narrativa histórica da fronteira como mecanismo de desenvolvimento e progresso nacional, sendo necessário adentrar nas contradições sociais referente à formação fronteiriça. (P1)

A multiplicidade das fronteiras e das relações de poder através de seus limites onde aprendemos a arte da convivência e da hospitalidade – mas também onde ensinamos e onde nos ensinam a conviver com o conflito, a perceber, como em nenhum outro lugar, em movimentos de avanço e recuo, fixação e mobilidade. É a partir deste cotidiano fronteiriço que as instituições escolares percebem que esta realidade aparece dentro dos muros, de modo que a compreensão não abandona a dimensão da existência e experiência.

A compreensão das dinâmicas a partir do território simbólico gera uma prática como produto desta mesma realidade. A fronteira convida os professores construírem outras perspectivas, mais interdisciplinares e capazes de criar uma problematização do ensino da Geografia quando colocada em frente às complexidades e contradições do cotidiano fronteiriço. Pesquisas não somente no campo da Geografia, mas também nas demais ciências podem ser estimuladas a partir da aproximação, promovendo um melhor entendimento desta região, de modo a facilitar a criação de novas práticas escolares, juntamente com a formação de professores pesquisadores para compreenderem e atuarem diante desta realidade fronteiriça, que é complexa e cheia de nuances. É preciso estar aberto e se deixar atravessar por estas dinâmicas plurais que podem revelar novos olhares que vão ajudar a explicar as diversas experiências e os múltiplos movimentos que a fronteira proporciona.

77. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU ATRAVESSAMENTOS

O contexto de pandemia global devido ao Covid-19 impactou profundamente o mundo, não apenas pela questão da saúde, mas também no que toca o ensino, escancarando as diferenças e o abismo social que alguns alunos enfrentam para estudar. A situação de desrealização causada pela má administração da crise sanitária no Brasil gerou uma série de fatores que atrapalharam a realização da pesquisa. Essa instabilidade gerou uma grande ansiedade por não saber como seriam reestabelecidas as atividades ao mesmo tempo que produziu uma paralisação dos atores institucionais.

Diante do grande número de mortes e sem vislumbre de vacinação em massa, o ano de 2020 foi um misto de apreensão e perdas pessoais, além dos inevitáveis problemas psicológicos acarretados pela instabilidade política e a ascensão fascista que vem ocorrendo mais fortemente desde 2018. Foi instalado em 2020 o ensino remoto ou à distância, mas a maioria dos alunos da escola pública não tem o suporte necessário (computador, telefone móvel, internet ou uma combinação deles) para continuar adequadamente.

Em março de 2020, logo no início das aulas deste programa de pós graduação, foi decretada a instalação de uma pandemia global de COVID-19 e com isso todo o projeto de pesquisa teve que ser repensado de forma a atender as novas demandas de isolamento e distanciamento social usadas para o controle das contaminações. Por conseguinte, o questionário foi pensado para ser aplicado de forma online, mantendo as orientações de distanciamento social aconselhadas pela Organização Mundial da Saúde. Aliado a isso, os professores tiveram que se adaptar rapidamente a novas tecnologias e rever suas metodologias e com isso tiveram que preparar aulas em formatos diferentes dos que estavam acostumados nas aulas presenciais.

A partir do afastamento das escolas, os familiares dos estudantes tiveram que acompanhar mais de perto a rotina de estudos, o que também evidenciou o quanto as famílias estavam distantes do contexto escolar. Apesar de não ter sido uma questão específica da fronteira, a situação de pandemia global teve impacto sobre essa e outras pesquisas realizadas no mesmo período, implicando em muitas adaptações que se corroboram em como o trabalho foi realizado. O impacto da pandemia na fronteira se fez visível uma vez que produziu fechamentos - não somente da própria fronteira, mas também das escolas - atingindo a vida dos alunos e professores. Foi o momento que todos tivemos que nos adaptar rapidamente à nova forma das aulas, e foi neste contexto que a utilização

de materiais ligados à tecnologia para o aprendizado veio de forma imperativa na vida das pessoas ligadas à educação.

As experiências dos professores de Geografia são fundamentais para entender uma série de relações complexas sobre o ensino na região de fronteira e suas implicações. Existe uma relação intrínseca entre a escola, seu entorno, a sociedade na qual está imersa que não pode ser entendida de uma forma simplista, e o ensino de Geografia vem corroborar para que os estudantes compreendam seu entorno e tenham criticidade para entender e atuar no seu cotidiano. Colocar o cotidiano fronteiriço dos alunos em suas aulas é trabalhar em cima da realidade local, já que os conteúdos são invisibilizados pelo Estado no tocante ao currículo e material didático que é oferecido oficialmente. O desafio consiste no enfrentamento da discussão por parte dos professores, não somente de Geografia (embora nesta pesquisa eles tenham sido o foco) mas também no sentido de tornar sua ação pedagógica mais próxima da vivência dos alunos, para que os mesmos aprendam a olhar para sua vida cotidiana e relacionar os contextos mais amplos para a construção de um pertencimento maior em relação ao local que eles vivem.

É preciso sonhar a escola no pós-pandemia para reafirmar qual projeto de sociedade queremos, com escolhas políticas e éticas que expressem essa vontade. A complexidade da vida fronteiriça atravessa o dia-a-dia dos estudantes e isso acaba influenciando a forma como percebem o mundo. A escola se faz na alteridade, no contato com o outro e pode ser pensada enquanto um território de produção de sentido. A partir do ensino com elementos facilmente relacionados com o dia a dia, os alunos tem uma tendência em se sentirem mais estimulados nas aulas. É na relação contraditória e crítica que a escola e os seus sujeitos devem ser localizados. O principal desafio será pensarmos essa atuação, com a perspectiva de ser um local de gente fazendo gente, no melhor entendimento da humanização freiriana.

Sendo que o material didático mais utilizado pelos professores ao longo do ano é o livro didático, é importante pontuar a necessidade de um livro que seja pensado para esta fronteira. Apesar desse ponto, gostaria de citar o livro didático “Um olhar fronteiriço – Geografia e História”, produzido no município de Ponta Porã -MS, pelos professores Mirta Mabel Torraca e Jhonas de Souza. O livro vai abordar as disciplinas de Geografia e História a partir do olhar dos educadores que ministram suas aulas na fronteira, trazendo os exemplos e símbolos que estão mais próximos da realidade dos alunos. O trabalho teve consultoria de professores da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados, e da UNILA, que articularam os conteúdos com os professores de modo que o

livro abordasse marcações históricas e geográficas específicas da fronteira Ponta Porã/Pedro Juan Caballero. Ainda que um bom exemplo de criação de material didático, convém ressaltar que não foi produzido em parceria com a municipalidade de Pedro Juan Caballero e isto é marcadamente uma falta da articulação e interesse político consequente da falta de integração entre os dois países.

São diferentes caminhos para compreender estes processos e isto leva à uma necessidade de estar atento a respeito dos processos da formação docente. Neste aspecto, é importante frisar que percebo a necessidade de que seja uma formação intercultural, para que haja uma problematização das formas discursivas em que são construídas as identidades dentro do currículo. Buscar visões plurivocais no currículo articulados com a formação docente certamente é uma via que deve ser buscada quando tratamos de ensinar na fronteira.

Um outro aspecto pode ser apontado no que diz respeito às questões metodológicas, expressas em situações de ensino, as sequências didáticas, problematizações e resoluções de problemas, jogos, representação dos espaços através de desenhos. Articulando dessa forma, os professores são sujeitos do seu processo de formação permanente, que começa na graduação e que não necessariamente finaliza, ao contrário: a profissão de professor necessita de um diálogo contínuo e ininterrupto durante todo seu processo enquanto trabalhador.

Para que isso seja possível, é necessário que as universidades públicas estejam seriamente comprometidas com a educação continuada de seus egressos. Foi lançado ainda no ano de 2022 um projeto chamado “A Tríplice Fronteira: uma abordagem interdisciplinar da fronteira Argentina-Brasil-Paraguai”, que será ofertado pela UNILA em formato *online* em uma série de aulas com professores em parceria com diversas universidades. Esta ação representa um exemplo de formação com saberes específicos sobre a região da tríplice fronteira e parte deste conteúdo está disponibilizado no e-portfólio e no canal do *youtube* do professor Micael Alvino da Silva²

A educação no Brasil já tem um histórico de subfinanciamento e problemas de infraestrutura, e os recentes movimentos de ocupação das escolas secundárias pelos alunos denunciam esses problemas de viés material e estrutural. Ao produzir esse currículo, é afirmada a legitimidade da desigualdade e vai na contramão de qualquer projeto político pedagógico emancipador. Neste sentido, é necessário reafirmar a escola como direito

² Os vídeos disponibilizados no *e-portfólio* são os cortes das aulas; o material completo, com as aulas inteiras está disponibilizado no canal do *youtube*: <https://www.youtube.com/@MicaelSilva3>, acesso em 13/04/2023.

territorial à educação, aonde ocorrem as manifestações de identidades, relações sociais e conflitos.

A BNCC reafirma uma geografia que hegemoniza e induz práticas escolares em direção ao processo de consolidação de uma agenda política internacional, que atende os interesses de determinados setores. Em sua implantação local em 2019, o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) reafirma as diretrizes contidas no plano de implementação das orientações do BNCC. No documento referente às séries iniciais para a disciplina de geografia não faz menção, nem sobre as especificidades da fronteira, nem sobre a tríplice fronteira da região oeste e implantação da Hidrelétrica de Itaipu. Esse documento segue a agenda de implementação da BNCC e foi imposta de cima para baixo para os professores, sem discussão com as escolas sobre suas especificidades, em um projeto de consolidação de um projeto político neoliberal com vistas a diminuir os custos da escola pública, num entendimento que a educação é um gasto e não um investimento social.

As estratégias de grupos vinculados ao neoliberalismo articulam pautas que não levam em conta as desigualdades dos sujeitos sociais que ocupam esses espaços. Essa implantação pode ter impactos negativos a médio e longo prazo, bem como pode influenciar na formação docente, por desconsiderar processos contemporâneos de entendimento das relações na sociedade e na escola, com seus projetos de vida dissociados do projeto de sociedade. Pelo viés neoliberal, o professor é entendido como um mero reproduzidor de conteúdo, executores de currículos e não como pensadores. Embora a ideologia e prática neoliberal seja cada vez mais determinante e hegemônica, é importante pensar estratégias em conjunto com os professores que resistem à esta lógica. Com isso, as discussões sobre América Latina e África são tratadas como apenas como consequência dos desdobramentos de formação territorial da Europa e Estados Unidos, e abordagens com viés dos povos originários e quilombolas são colocados como uma geografia do passado -como se esses grupos não estivessem ainda neste momento produzindo lutas territoriais e subjetividades que ajudam a compreender a formação socioespacial do Brasil contemporâneo.

Recentemente foi criado um comitê chamado “Comitê Revoga Novo Ensino Médio PR”, a pedido dos estudantes e professores do Paraná para que seja revogada a reforma implantada em 2022. Este comitê afirma que houve uma sonegação da função social da escola e fatiou-se o currículo com os itinerários formativos pela imposição de uma escolha para os alunos de qual área seguir. Esse novo tipo de ensino introduz no currículo

componentes com grande doutrinação pelo discurso neoliberal de responsabilização individual.

Concomitantemente à escrita do trabalho, construí um espaço virtual onde foram agrupadas diversas possibilidades de materiais didáticos de caráter interdisciplinar que poderiam ser utilizadas pelos professores que têm o interesse em trabalhar uma aula sobre fronteira. Foi uma forma de pensar sobre minha prática pedagógica, enquanto sujeito reflexivo e construtor da minha experiência pedagógica, e também expor as minhas produções teóricas, de modo que pode ser avaliado enquanto um investimento acadêmico de formação intelectual sobre o assunto.

Nesta parte do processo aglutinei alguns trabalhos em formato audiovisual, documentos, fotografias e imagens relativas à fronteira e que estão disponibilizadas no site <<https://dossiefronteira.wixsite.com/my-site>>. Este material é um dispositivo pedagógico, trabalhado como parte de desenvolvimento de materiais didáticos possíveis, processualmente entendido como forma de construir um acúmulo de aprendizagens. Percebo também como espaço para um registro qualificado desta busca e sobretudo, um instrumento de auto avaliação.

Os estudos referentes ao mestrado têm um prazo bastante definido, mas para mim essas são as primeiras adequações acadêmicas de observações que vem sendo feitas ao longo de toda uma vida. Este trabalho foi pensado em função do que o fronteiriço tem de melhor a apresentar dentro das instituições de ensino, que é a possibilidade de diálogo com o interesse de superação do estranhamento gerado nos encontros, oportunizando essa vivência como parte da complexidade do que é viver em uma fronteira e com vistas a conhecer outras experiências. Com esse pontapé inicial, ainda pretendo continuar a buscando o conhecimento referente às diferentes narrativas das fronteiras, para com isso continuar observando como diferentes povos lidam com os limites nacionais e com os territórios das interações sociais, além de continuar admirando como essas narrativas são reiteradamente burladas e realocadas conforme as realidades expressas em cada lugar.

ANEXO

QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA).
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

“Fronteira e ensino: materiais didáticos possíveis”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: “Fronteira e ensino: materiais didáticos possíveis”

Pesquisadora:

Juliana Tonin (mestranda)

Tel.: (46) 99922-3661

E-mail: julianabadue@gmail.com

Pesquisador Orientador:

Marcelo Augusto Rocha

Tel. (45) 99977-4154

E-mail: Marcelo.rocha@unila.edu.br

Local de realização da pesquisa:

Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos (PPG-IELA).
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Avenida Silvio Américo
Sasdelli, 1842 - Bairro Itaipu A, Ed. Com. Lorivo - Foz do Iguaçu – PR. Tel. (45) 3522-
9732. Site: <https://portal.unila.edu.br/>

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

Apresentação da pesquisa.

1. Você está convidado a participar de uma pesquisa em nível de Mestrado desenvolvida no PPG-IELA/UNILA que busca investigar o conceito de Fronteira relacionado a Educação Básica.

2. Objetivos da pesquisa.

Investigar como o conceito de fronteira vem sendo desenvolvido em sala de aula por professores de Geografia da rede pública estadual e quais materiais didáticos estão disponíveis a esses professores para trabalhar o tema.

3. Participação na pesquisa e Confidencialidade.

Ao participar deste estudo você será solicitado a responder algumas perguntas, via web-formulário, sobre a temática da pesquisa. As suas respostas serão computadas e os dados fornecidos serão utilizados apenas para as finalidades da pesquisa como parte do trabalho de dissertação e estarão protegidos pelo sigilo. Apenas eu e o pesquisador

orientador teremos acesso ao questionário e em eventual divulgação de resultados não serão mencionados seu nome ou outros dados que possam identificá-lo(a).

4. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Você tem a liberdade de não participar e pode, ainda, caso concorde em participar, interromper sua participação em qualquer fase da pesquisa sem qualquer prejuízo. Você tem a liberdade de recusar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento sem penalização. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre o estudo contatando os contatos apresentados no início desse formulário.

Do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo e a natureza, relacionados a este estudo. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.
() aceito

QUESTIONÁRIO – Professores da Educação Básica

1- O que é fronteira para você? Como você define e entende a cidade de fronteira?

- () linha
- () divisão
- () integração
- () limite
- () possibilidades
- () prejuízos
- () mistura
- () Todas as alternativas

2- Viver em uma cidade fronteira influencia no seu cotidiano?

- Sim
- Não

3-Caso tenha respondido "sim" para a resposta anterior, como a vida em uma cidade de fronteira influencia na sua docência?

4- Como você entende o conceito de fronteira?

5- O conceito de fronteira está presente nos conteúdos geográficos, ou nos materiais didáticos encaminhados pela SEED-PR aos professores de Geografia de Foz do Iguaçu?

- Sim
- Não

6-Você enxerga elementos ou exemplos da tríplice fronteira nos materiais didáticos que são enviados pela SEED-PR?

7- Como você percebe a relação da vivência em ambiente fronteiro com a articulação das categorias geográficas de: lugar, paisagem, território, espaço geográfico e de

fronteira com seus alunos?

8- Que recursos didáticos você utiliza com mais frequência em suas aulas?

- mapas
- apresentação em *Power Point*
- apresentação cultural
- livro didático
- artigos
- jornais
- documentário
- vídeos do *youtube*
- simuladores *on line*
- fotografias
- jogos *on line*
- mapas interativos
- podcasts*
- outros

9- Quais os desafios para abordar os temas relacionados a fronteira em sala de aula?

10- Cite exemplos de atividades práticas que você utiliza para ensinar o conceito de fronteira para seus alunos.

11- Como a sua vivência e sua experiência na fronteira facilita o ensino dos conceitos relacionados a este conceito geográfico?

12- Como você percebe a experiência dos alunos em relação à vivência dos mesmos numa cidade de fronteira? Essa realidade tem algum tipo de influência na escola?

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C.; SOUSA, Flávia Alves de. **Escolas de Fronteira: percebendo diferenças, construindo pontes**. Trabalho apresentado na 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **Fronteiras Múltiplas e Paradoxais**. In: Textos e Debates: Revista de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima. Boa Vista/ RR: n.22, p. 71 a 87, jul. /dez. 2012.

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho; CARDIN, Eric Gustavo. **Fronteiras e deslocamentos**. In: Revista Brasileira de Sociologia, vol. 06, nº12. Jan-abr./2018.

APPADURAI, Arjun. Soberania sem **Territorialidade: notas para uma Geografia pós-colonial**. In: Revista Novos Estudos, ed. 49, vol. 3. São Paulo: CEBRAP, 1997.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em Educação Ambiental Comunitária**. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCACAO – EDUCERE, Curitiba: Editora PUC, 2011.

BANDEIRA, Denise. **Materiais Didáticos**. Curitiba/PR: IESDE, 2009

BENEDETTI, Alejandro. **Fronteras y escalas**. In: Puentes que unen y muros que separan: fronterización, securitización y procesos de cambio en las fronteras de México y Brasil/ Alberto Hernández, coordinador. – Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte; Brasil: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), 2020.

BOHRER, Marcos; ROCKENBACH, Igor Armindo; KAERCHER, Nestor André. **Dimensão docentes em instituições federais na fronteira**. In: Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade / Adriana Dorfman...[et.al.]; organizado por Adriana Dorfman, Julian Mokwa Félix, Roberto Fiziola. -Porto Alegre: Editora Letral; Editora Diadorim, 2021.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Cartilha da Faixa de Fronteira**. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Proposta de reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Brasília, DF, 2005.

- CALLAI, Helena Copetti. **A geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica.** In: Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Orgs.: Eliana Marta Barbosa de Moraes, Loçandra Borges de Moraes. -Goiânia: NEPEG, 2010.
- CANEN, Ana. **O Multiculturalismo e o papel da pesquisa na formação docente: uma experiência de currículo em ação.** In: Currículo sem Fronteiras, v. 8, n.1, pp. 17-30, Jan/Jun 2008.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. **Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa.** In: Revista Diálogos Educ., v. 10, n.29, p. 151-169, jan./ abr. Curitiba-PR, 2010.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** In: Círculo sem Fronteiras, v.11, n,2, pp.240-255/ Dez 2011
- CARNEIRO, Camilo Pereira Filho. **A geopolítica e a construção da Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Paraguai.** In: Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território, 2014. Rio de Janeiro. Porto Alegre: Editora Letra1; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014, p.59-70.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino.** In: Formação de professores: concepções e práticas em Geografia / Dalva E. Gonçalves Rosa ... [et al.] -Goiânia: E.V., 2006.
- DEMO, Pedro. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades.** São Paulo: Atlas, 2009.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DORFMAN, Adriana; FIZIOLA, Roberto; MOKWA, Julian. **Ensinar a fronteira -uma introdução.**In: Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade / Adriana Dorfman... [et al.]; organizado por Adriana Dorfman, Julian Mokwa Félix, Roberto Fiziola. Porto Alegre: Editora Letral; Editora Diadorim, 2021.
- GIROTTO, Eduardo Donizeti. **Entre o abstracionismo pedagógico e os territórios de luta: a base nacional comum curricular e a defesa da escola pública.** In: Revista Horizontes, v.36, n.1, p.16-30, jan./abr. Itatiba/SP: Editora USF, 2018.
- KARPINSKI, Cezar; ESPINOSA, Mariana R. **La “Colônia Militar de Foz do Iguassú” en la historia de la ciudad de Foz do Iguacu.** In: Ágora, v. 26, n. 53, p. 81-107, jul/dez. Florianópolis/SC, 2016.
- NENEVÉ, Miguel; PANSINI, Flávia. **“Educação Multicultural e Formação Docente”.** In: Revista Currículo Sem Fronteiras, v. 08, n. 01, pp. 31-48, jan/jun 2008.
- NUNES, Flaviana Gasparotti. **Projetos de formação escolar para escolas em áreas de**

fronteira. In: Revista da ANPEGE, v.7, n.1, p.205-219, out. 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso.** Campinas: Pontes, 2007.

OSÓRIO, Lia. **Cidades na fronteira: conceitos e tipologias.** In: Dilemas e diálogos platinos. / Orgs: Angel Nuñez, Maria Medianeira Padoin, Tito Carlos Machado de Oliveira. – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2010.

ROSA, Dalva E. Gonçalves. **Formação de professores: concepções e práticas.** In: Formação de professores: concepções e práticas em Geografia / Dalva E. Gonçalves Rosa ... [et al.] -Goiânia: E.V., 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira.** In: Tempo Social; São Paulo: Ver. Sociol. USP, 1994.

SILVA, Regina Coeli Machado. **Escola e educar na fronteira: atos do Estado se (des)fazendo em seus limites.** In: Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade / Adriana Dorfman... [et al.]; organizado por Adriana Dorfman, Julian Mokwa Félix, Roberto Fiziola. Porto Alegre: Editora Letral; Editora Diadorim, 2021.

SOUZA, Vanilton Camilo de; ZANATTA, Beatriz Aparecida. **Concepções de Prática de ensino e formação de professores de geografia.** In: Formação de professores: concepções e práticas em Geografia / Dalva E. Gonçalves Rosa ... [et al.] -Goiânia: E.V., 2006.

SOUZA, Edna Duarte. **A atividade docente de egressos da licenciatura em geografia: o fazer-se trabalhador-professor.** In: In: Formação de professores: concepções e práticas em Geografia / Dalva E. Gonçalves Rosa ... [et al.] -Goiânia: E.V., 2006.

STURZA, Eliana Rosa. **Programas Escolas de Fronteira e Integração Regional.** In:Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade / Adriana Dorfman...[et.al.]; organizado por Adriana Dorfman, Julian Mokwa Félix, Roberto Fiziola. -Porto Alegre: Editora Letral; Editora Diadorim, 2021.

TALLEI, Jorgelina. **Pensando uma pedagogia de fronteira desde a cidade de Foz do Iguaçu, Brasil.** In: Revista MERCOSUR de políticas sociales. 3, 156-164, dezembro, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VLACH, Vânia Rubia Farias. **Estado-nação, Ensino de Geografia, Mundialização: alguns desafios para a formação do professor.** In: Formação de professores: concepções e práticas em Geografia / Dalva E. Gonçalves Rosa ... [et al.] -Goiânia: E.V., 2006.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.